



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE EXPRESSÃO E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO**

MARCIA ANTUNES MARTINS

**MBORAI ANHENTEGUA:
CAMINHOS DE TRADUÇÃO E CANTOS GUARANI MBYA POR PARAGUAÇU**

**Florianópolis
2022**

MARCIA ANTUNES MARTINS

**MBORAI ANHENTEGUA:
CAMINHOS DE TRADUÇÃO E CANTOS GUARANI MBYA POR PARAGUAÇU**

Dissertação de Mestrado submetida no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção de título de Mestre em Estudos da Tradução e da Interpretação com enfoque linguístico e/ou multidisciplinar

Orientadora: Profa. Dra. Evelyn Martina Schuler Zea

Florianópolis
2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

ANTUNES MARTINS, MARCIA

MBORAI ANHENTEGUA : CAMINHOS DE TRADUÇÃO E CANTOS
GUARANI MBYA POR PARAGUAÇU / MARCIA ANTUNES MARTINS ;
orientadora, Evelyn Martina Schuler Zea , 2022.

77 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós
Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2022.

Inclui referências.

1. Estudos da Tradução. 2. Mborai. 3. caminhos de
tradução. 4. cantos guarani. 5. Paraguaçu. I. Martina
Schuler Zea , Evelyn . II. Universidade Federal de Santa
Catarina. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução.
III. Título.

Marcia Antunes Martins

MBORAI ANHENTEGUA:
CAMINHOS DE TRADUÇÃO E CANTOS GUARANI MBYA POR PARAGUAÇU

O presente trabalho em nível de Mestrado foi avaliado e aprovado, em 14 de setembro de 2022, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof.(a) Maria Eugenia Dominguez, Dra. PPGAS/UFSC

Prof.(a) Andreia Guerini, Dra. PGET/UFSC

Prof.(a) Evelyn Martina Schuler Zea, Dra. PGET/UFSC

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Mestre em Estudos da Tradução atribuído pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução.

Profa. Dra. Andreia Guerini

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Profa. Dra. Evelyn Martina Schuler Zea

Orientadora

Florianópolis, 2022

RESUMO

O tema e caminho da dissertação é com as sabedorias e resistências ancestrais do meu povo Guarani Mbya repassadas e traduzidas através dos rezos e cânticos verdadeiros, Mborai Anhetengua. Um aprendizado com os cantos Mborai para o mundo, cânticos sagrados, fortalecendo esse meio de expressão e tradução de nosso povo. Palavras de referências para as divindades espirituais, rezos cantados e falados, e os cantos tarova, sabedoria ancestral e espiritual, respeitando e transmitindo nossas memórias vivas.

Palavras-chave: Mborai, caminhos de tradução, cantos guarani, Paraguai

RESUMO EM MBYA GUARANI

Kova'e ayvu porã tamboatchai. Mborai anhetengua arandù nhembaraetegua Nhaneramòì idjypyì kuery mborayu mbya reguai ayu anhetenguai. Amboatchata pendevype mborai rupi guei revei opamba'e tcheramôì kueryi. Nhandebaraete nhandendui nhande pyapy nhamôì djaguata porã i aguã. Amboatchata petei'i guei yvypokuerye. Kyriguei mborai'i.

Kova'e arandú porã nhandembaraete aguã nhamonhedui mborai tarova etei. Tovei ta nhandembaraete aguydjevete ta meî ta mboatchai Tatatchina rekovei nheê. Kuery nhamandú kuery djakaira kuery. Nhanderu tenondé nhandetchy tenondé nhandemopuã. Karai kuery yvraidja tcheramôì kuery nhandembaraete ronhemboe'i. Kova'e mborai anhetengua idjavaetei.ore kuery nhandemopuã nhaendu. Egui.nhamoi nhane akãpy. Nhande pyapy pavei djadjapytchaka djaguata porã aguã aguydjevete amboatcha pendevype

ABSTRACT

The theme and way taken in this dissertation is with the ancestral wisdom and resistance of my Guarani Mbya people that are passed on and translated through true prayers and songs, Mborai Anhetengua. An apprenticeship with Mborai songs for the world, sacred chants, strengthening this means of expression and translation of our people. Words of reference to spiritual deities, sung and spoken prayers, and tarova chants, ancestral and spiritual wisdom, respecting and transmitting our living memories.

Key words: Mborai, ways of translating, Guarani songs, Paraguai

LISTA DE FIGURAS

Fig. 1: *Nhande reko* (Desenho de Samuel de Souza, lápis de cor e papel, 2022)

Fig. 2: *Opy* (Desenho de Samuel de Souza, 2022)

Fig. 3: *Tchedjaryi* (Desenho de Samuel de Souza, 2022)

Fig. 4: *Tcheramõi* (Desenho de Samuel de Souza, 2022)

Fig. 5: *Petyngua* (Desenho de Samuel de Souza, 2022)

Fig. 6: *Takuapu* (Desenho de Karai Whera, 2022)

Fig. 7: *Ãnguapu* (Desenho de Karai Whera, 2022)

Fig. 8: *Mbaraka mirim ou yakua mirim* (Desenho de Karai Whera, 2022)

Fig. 9: *Rave'i* (Desenho de Karai Whera, 2022)

Fig. 10: *Mbaraka* (Desenho de Karai Whera, 2022)

Fig. 11: *Popyguay'i* (Desenho de Karai Whera, 2022)

Fig. 12: *Paraguaçu* (Desenho de Brayan Kuaray Ju Martins, 2022)

Fig. 13: *Opamba'e rei ete* (Desenho de Aladio Kuaray Mariano Bolantim, 2022)

Fig. 14: *Nhamandu odjete* (Desenho de Brayan Kuaray Ju Martins, 2022)

Fig. 15: *Orekatu roetcha I* (Desenho de Aladio Kuaray Mariano Bolantim, 2022)

Fig. 16: *Orekatu roetcha II* (Desenho de Aladio Kuaray Mariano Bolantim, 2022)

Fig. 17: *Nhanderu Retaren* (Desenho de Juçara de Souza Jaxuka Mirim, 2022)

Fig. 18: Fotografia de Kerexu Genira Mariano (Foto de Marcia Antunes Martins, 2022)

Fig. 19: *Tupã retaren* (Desenho de Everton Papa Mirim, 2022)

Fig. 20: *Sonho* (Pintura de Gennis Ara'i Martins Timoteo, 2021)

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| RESUMO | 5 |
| RESUMO EM MBYA GUARANI | 5 |
| LISTA DE FIGURAS..... | 6 |
| AGRADECIMENTOS | 8 |
| 1. BREVE TRADUÇÃO DE ALGUMAS PALAVRAS DE NOSSO NHANDE REKO..... | 9 |
| <i>NHANDE REKO</i> | 9 |
| <i>OPY</i> | 10 |
| <i>TCHEJARY</i> | 11 |
| <i>TCHERAMÕI</i> | 12 |
| <i>PETYNGUA</i> | 13 |
| <i>TAKUAPU</i> | 14 |
| <i>ÃNGUAPU</i> | 16 |
| <i>MBARAKA MIRIM OU YAKUA MIRIM</i> | 18 |
| <i>RAVÉ'I</i> | 20 |
| <i>MBARAKA</i> | 21 |
| <i>POPYGUAY'I</i> | 23 |
| 2. MINHA CAMINHADA E OS CAMINHOS DA TRADUÇÃO | 24 |
| 3. "SEU NOME É PARAGUAÇU, NÃO DEIXE MORRER TEU NOME" | 27 |
| 4. FOGO E PETYNGUA, FUMAÇA E TRADUÇÃO | 29 |
| 5. CAMINHOS DE TRADUÇÃO, CANTOS E CURA | 31 |
| 6. GESTOS E SINAIS, MODO DE AGIR, MODO DE TRADUZIR | 34 |
| 7. CANTOS MBORAI MIRIM E CANTOS MBORAI TAROVA..... | 37 |
| 7.1. CANTO OPAMBA'E REI ETE | 39 |
| 7.2. CANTO NHAMANDU ODJERE..... | 43 |
| 7.3. CANTO OREKATU ROETCHA..... | 48 |
| 7.4. CANTO NHANDERU RETAREN ONHENDU MBORAI MARÃE'Y | 53 |
| 7.5. CANTO TUPÃ RETAREN ONHENDU MBORAI | 57 |
| 7.6. CANTO DJADJERODJY'I PAVE'I..... | 60 |
| 7.7. CANTO KO'ÉNHAVO, KA'ARU NHAVO | 63 |
| 7.8. CANTO DJADJERODJY PAVE'I DJAPORAI DJUPEVE'I..... | 63 |
| 7.9. CANTO PARAGUAÇU | 67 |
| 8. LEMBRANÇAS E MEMÓRIAS VIVAS | 68 |
| 9. CONSIDERAÇÕES FINAIS: APRENDI A TRADUZIR ATRAVÉS DO PETYNGUA E DOS SONHOS | 71 |
| REFERÊNCIAS..... | 76 |
| REFERÊNCIAS ORAIS..... | 76 |
| REFERÊNCIAS AUDIOVISUAIS..... | 76 |
| REFERÊNCIAS DE TEXTOS ESCRITOS | 76 |

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Nhanderu Tenondé. E principalmente a minha orientadora Evelyn Martina Schuler Zea, por me ajudar a trilhar essa longa caminhada até aqui. Etambém Renata Abel. Agradeço à minha família, a meu esposo Daniel Brisola por ter paciência e sempre me incentivar a não parar de estudar, e agradeço também meus filhos Mateus Brisola, Bruna Yoyapyrê da Silva, Brenda Antunes e a meu neto Michel de Souza. E também meu genro Samuel de Souza, por sempre estar escrevendo e me ajudando com o trabalho, e também meu irmão Daniel Timóteo Martins por comentar os cantos, sempre me dá força através das músicas e palavras de conforto. Agradeço meus sobrinhos e irmã e esposo pelos desenhos, Daniel Timóteo Martins, Aladio Bolantim Mariano, Everton Papa Benites, Jussara de Souza, Gennis Timóteo Martins. Agradeço também minha comunidade na aldeia que me apoiou no mestrado, as lideranças da Comunidade Hyral Moreira e Celita Antunes, da Aldeia de Biguaçu Aldeia água cristalina São Miguel. Também agradeço professora Andréia e professora Dirce na PGET, por abrir a PGET para nós Guarani. Também agradeço Genira Mariano, e os líderes espirituais Alcindo Moreira e Dona Rosa Moreira. E em especial a memória de minha mãe Maria Irmã Antunes Martins, que já fez a passagem para terra sem males. Esses cantos e reza sagrados agradeço pela memória dos líderes espirituais, minha mãe e os mais velhos e as crianças Guarani.

1. BREVE TRADUÇÃO DE ALGUMAS PALAVRAS DE NOSSO NHANDE REKO

Nota: esta breve tradução de algumas palavras de nosso nhande reko é fruto de tradução colaborativa entre mim e familiares que fizeram os desenhos.

Nhande reko

Fig. 1: *Nhande reko*



Desenho de Samuel de Souza (lápis de cor e papel). 2022

Nhande reko, nosso modo de viver

Opy

Fig. 2: *Opy*



Desenho de Samuel de Souza (lápis de cor e papel). 2022

Opy casa de reza, considerado espaço sagrado onde entramos para rezar, para ter conexão espiritual. *Opy* pode ser espaço de cura também.

Tchejary

Fig. 3: *Tchejary*



Fonte/ autor: Samuel de Souza (lápiz de cor e papel). 2022

Tchejary, mulheres mais velhas, sábias, pilares da sabedoria e memória viva mbya guarani

Tcheramõi

Fig. 4: *Tcheramõi*

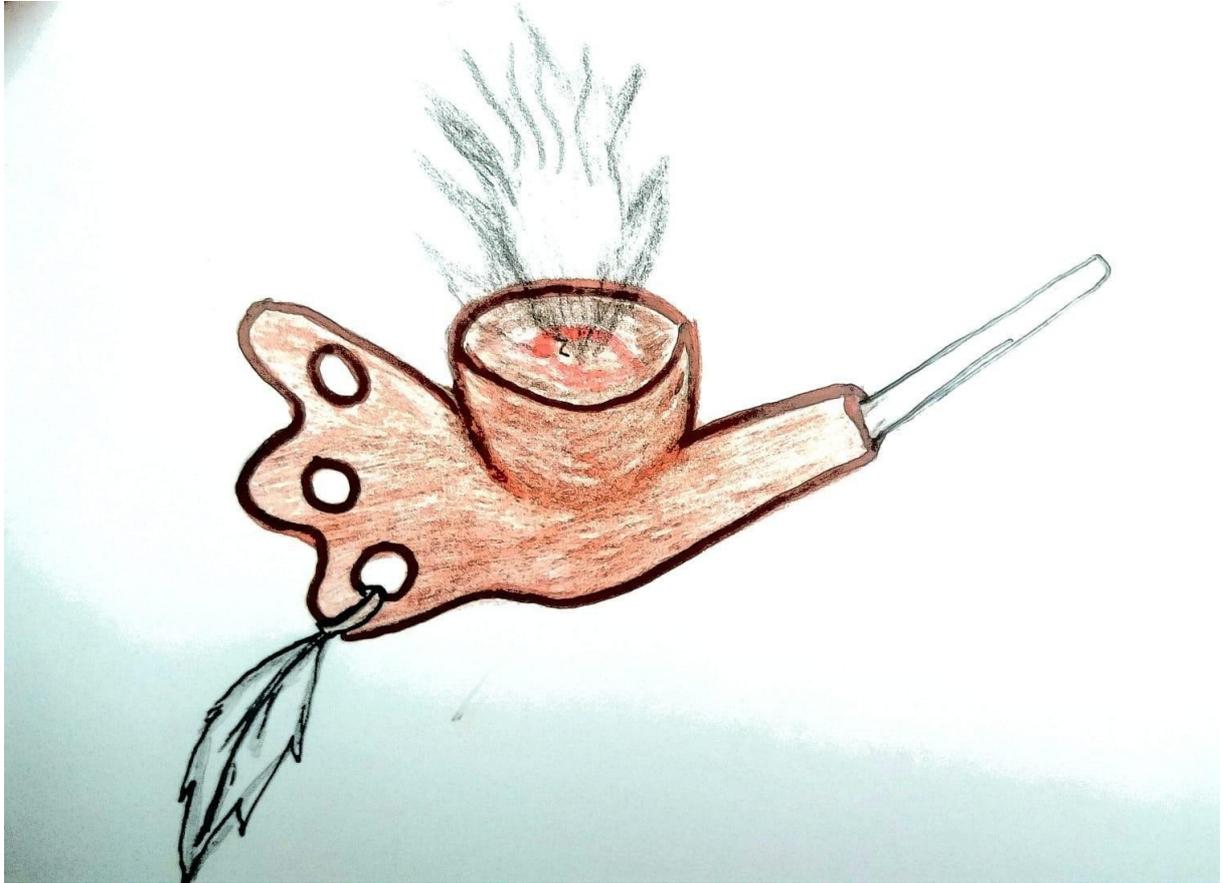


Fonte/ autor: Samuel de Souza (lápis de cor e papel). 2022

Tcheramõi, homens mais velhos, sábios, pilares da sabedoria e memória viva mbya guarani

Petyngua

Fig. 5: Petyngua

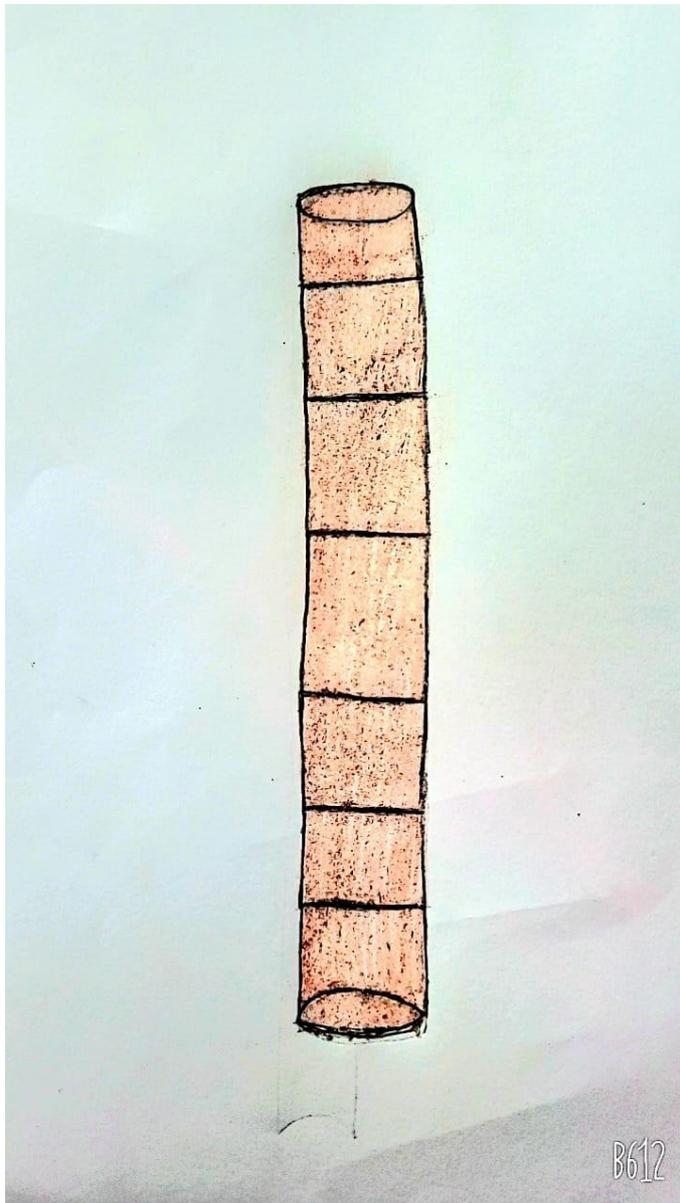


Fonte/ autor: Samuel de Souza (lápis de cor e papel). 2022

Petyngua: Os cachimbos Petyngua são fundamentais para nós guarani. Confeccionados pelos artesãos guarani, estes petyngua apresentam diversos materiais de fabricação como madeira nó de pinho, cedro ou aguái, e argila cinza ou vermelha. Petynguá é composto por pety significando fumo, enquanto -guá tem um sentido de lugar, de continente, formando assim petynguá como o lugar do fumo. Para entrar em transe, e dessa maneira interagir com outros domínios do cosmos, o xeramoí e xejary utilizam o petyngua de forma ritual, em curas, cantos e danças. Entretanto, a importância do petynguá não fica restrita aos aspectos rituais e cerimoniais entre nós Guarani, pois o utilizamos no cotidiano como maneira de concentração e roda de conversa.

Takuapu

Fig. 6: Takuapu



Fonte/ autor: Karai Whera (lápis de cor e papel). 2022

Takuapu: é um instrumento sagrado somente usado pelas mulheres, porque ele tem o mesmo som do pilão quando a mulher soca e faz o alimento sagrado mbodjapé e também faz a medicina sagrada kaaguedjy. Antigamente o takuapu também era usado pelas mulheres para fazer as covas do plantio para plantar o milho avatchi sagrado com a semente sagrada. Hoje usamos o takuapu na opy, casa de reza, e quando batemos o takupuno chão da opy ela faz as covas reverenciando a nossa mãe Nhandetchy que é nossa mãe terra e com esse som também reverenciamos nosso pai Nhanderu. Batendo esse som no chão ele é levado para o alto, lá é escutado, porque leva para cima e assim escuta o som das mulheres. A terra é o útero e quando bate na terra faz as covas e assim germina e brota as

sementes. Assim quando tocamos takuapu dá força para Nhanderu ter contato com a mãe terra e ela com ele e assim poder curar. Por isso as mulheres mais velhas rezam assim com o takuapu para curar seu útero, seu pensamento, curar as filhas, as crianças e todas as pessoas.

Ãnguapu

Fig. 7: Ãnguapu

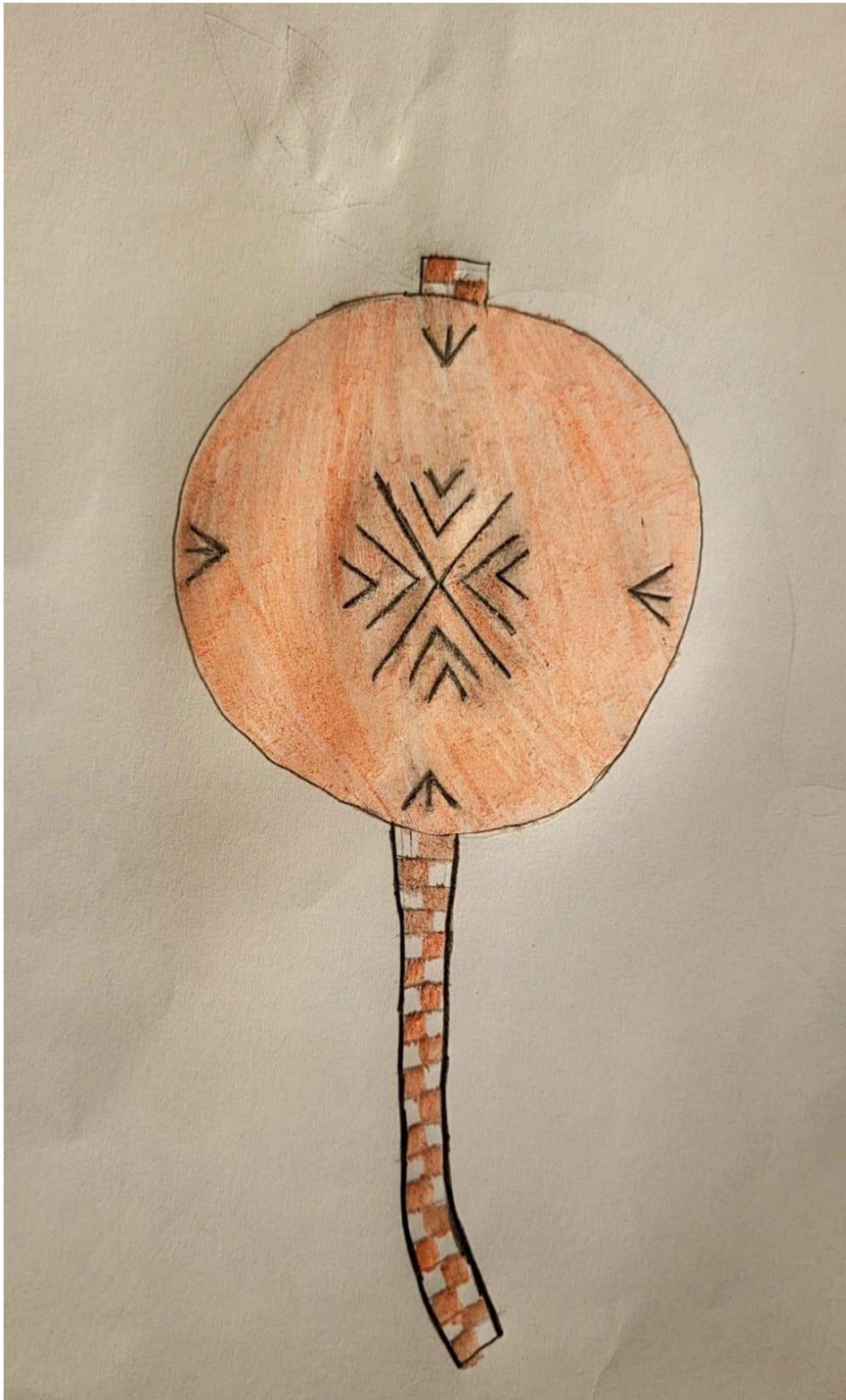


Fonte/ autor: Karai Whera (lápiz de cor e papel). 2022

Ãnguapu: O som do tambor anguapu é o som do nosso coração e também o som do trovão, é no mesmo ritmo. Esse ritmo é para acordar os tukumbo kuery, os soldados xondaros divinos para guerrear com os espíritos ruins nhee vai. Ele também é tocado para acordar os xondaros da aldeia para cuidarem da opy.

Mbaraka mirim ou yakua mirim

Fig. 8: Mbaraka mirim ou yakua mirim

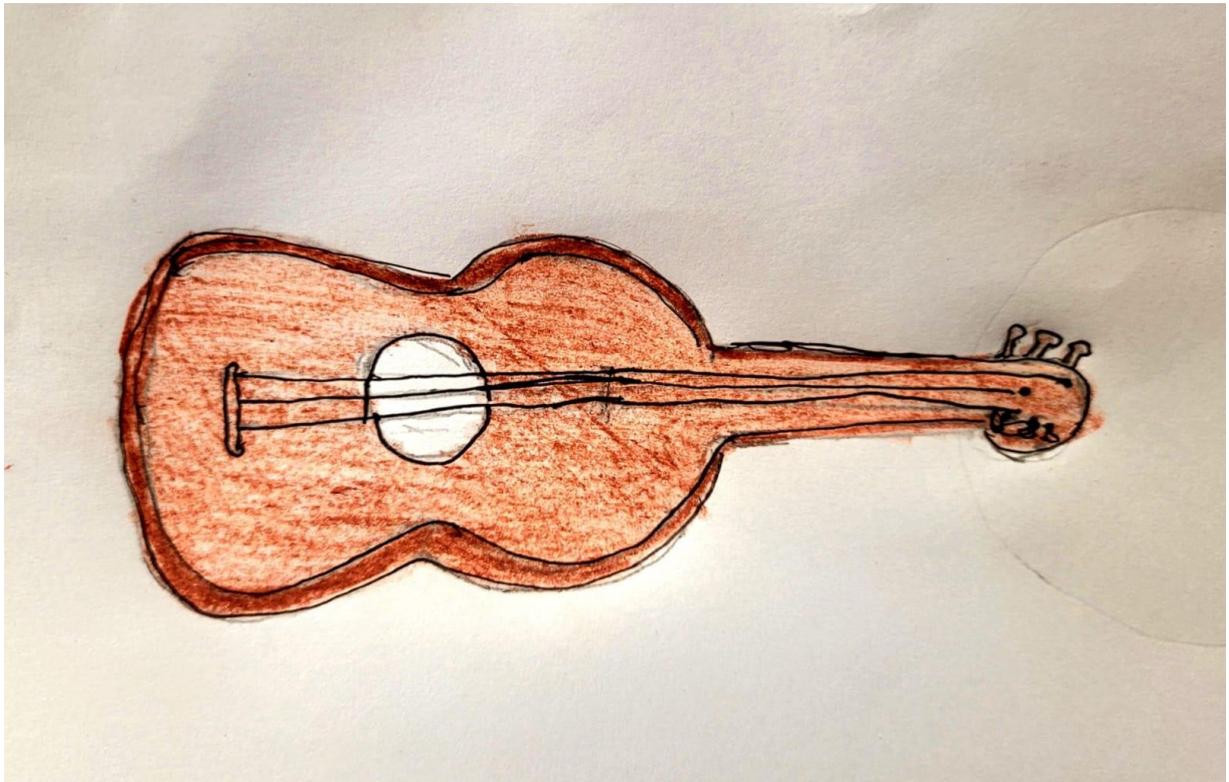


Fonte/ autor: Karai Whera (lápis de cor e papel). 2022

Mbaraka mirim ou yakua mirim: Os chocalhos Mbaraka mirim ou yakua mirim é o nome para o instrumento que tem o som da cobra cascavel (que chamamos de mboi mbaraka), é um som que é sagrado e é ao mesmo tempo masculino e feminino. É tocado para reverenciar as divindades.

Ravé'i

Fig. 9: Ravé'i



Fonte/ autor: Karai Whera (lápis de cor e papel). 2022

Ravei: é um violino sagrado com três cordas e uma afinação diferente do violino dos não indígenas, juruá. O som do ravéi pode curar as pessoas e expulsar os espíritos ruins nhee vai. É tocado junto com os cantos sagrados mborai.

Mbaraka

Fig. 10: Mbaraka



Fonte/ autor: Karai Whera (lápis de cor e papel). 2022

Mbaraka: é um violão sagrado com cinco cordas e uma afinação diferente do violão dos não indígenas, juruá. Como o chocalho, também é chamado de mbaraka porque tem o som da

cobra cascavel (que chamamos de mboi mbaraka), é um som que é sagrado e é ao mesmo tempo masculino e feminino. É tocado para reverenciar as divindades.

Popyguay'i

Fig. 11: Popyguay'i



Fonte/ autor: Karai Whera (lápis de cor e papel). 2022

Popyguay'i, usado por tchondaros e tcheramõis na casa de reza, para nos dar força e se comunicar com as divindades, nas horas de rezos e cantos., é um instrumento sagrado que está sempre conectado com nhanderu e ficamos concentrados com a mãe terranhandetchy e djakaira.

2. MINHA CAMINHADA E OS CAMINHOS DA TRADUÇÃO

Eu nasci em Chapecó, lá em Entre Rios, na Baliza. Eu nasci na aldeia, fui cuidada por parteira e tudo. Fiquei com minha mãe até meus seis anos. Nesse tanto, eu só falava em guarani, nos criamos na aldeia. Com seis, sete anos, minha mãe casou-se com outro homem, saímos da aldeia e viemos até Santa Catarina, até o litoral. Viemos para Criciúma, Sombrio, moramos muito tempo por ali. Nesse tempo, já começamos a conviver com os brancos. Comecei a estudar no colégio Catula da Paixão, que fica em Sombrio. Eu já tinha oito anos, ali foi a primeira palavra que aprendi a falar em português, quando minha mãeme levou a uma igreja de crente, "Deus é amor". Nisso aí, eu ia lá com ela porque ela começou a me levar para lá, me tirou da opy, a casa de reza. Aí a gente começou a frequentar a igreja. A gente não tinha terra, morávamos na beira de uma ponte que tinha em Sombrio, no rio Sangão. A gente morava ali e minha mãe ia na igreja. A primeirapalavra que aprendi foi com os crentes, a falar em português, aprendi a falar de Deus, de Jesus, essas coisas. Mas eu sempre lembrando tudo da opy, da casa de reza. Daí fui pra escola e comecei a aprender a falar português - eles até falavam: "nossa, não sabe falar em português?" e eu respondia que "não", mas aí comecei a aprender. Dali a minha mãe saiu e foi pro Rio Grande do Sul, a gente morou lá em Osório, lá em Torres, moramos na beira da BR, também porque a gente não tinha terra. Andávamos muito por lá. Nesse tempo eu tinha nove anos, depois dali que moramos em Osório, a gente morou ali em Maquiné. Minha mãe nos levou procurando a Terra Sem Mal, na caminhada.

Nessa época, eu já sabia falar as duas línguas, e também a traduzir entre as duas línguas. Quando os tcheramoi iam para a cidade, me levavam para vender artesanatoporque eu falava bem português, já falava e já conseguia traduzir até questão de dinheiro em português. E foi indo. Aí fomos para Itapuã, no Cantagalo, moramos lá, e lá comecei ir na casa de reza novamente, na opy, eu já tinha dez anos. Aí ficamos por lá, com a casa de reza, só na língua guarani. Mesmo assim, os missionários vinham até a aldeia e me levavam para fora para a gente cantar as músicas mborai e as músicas do coral em guarani, para eles, e traduzir em português, e já comecei a fazer tradução para eles. Foram várias músicas, me lembro de uma música que eu traduzi para eles que é aquela "eju eju e marangatu, eju eju e marangatu, enhemomba'e enhemomba'e enhemomba'e e sere he",

"venha venha venha, venha para Jesus, venha venha venha, receber perdão, vamos adorar, vamos adorar, vamos adorar..". Então era assim, já comecei a traduzir, a pensar em tradução, fazer tradução. Queria começar a trabalhar com tradução, queria ser uma historiadora sobre tradução.

Aí, passou-se muito tempo, e eu no meio com os Guarani e com os não indígenas. Aí quando eu tinha 13, 12 anos, voltamos para Imbituba. Ali, comecei a ficar só fora da aldeia, comecei a conhecer rock, igreja, a me envolver com crente, comecei a me envolver com umbanda, com candomblé. Eu procurava; eu não era feliz, porque eu sentia alguma coisa dentro de mim, que devia ser a opy, a casa de reza, e a força de Nhanderu, e eu procurava, queria achar a força em várias coisas. Sabia que era Nhanderu que eu estava procurando, só que eu estava perdida. Só falavam em coisas ruins para mim. Aí frequentei vários centros espíritas, procurei várias coisas, aprendi várias magias, mas não era isso que eu queria.

Depois, com 23 anos, 24, eu voltei para aldeia, aí já tinha terra aqui em Mbiguaçu, já era homologada, já era uma terra de indígena mesmo. Aí aqui, voltei para casa de reza, conheci seu Alcindo e era só seu Alcindo, não tinha ninguém, ninguém era do caminho, ninguém frequentava muito a opy. Só minha mãe, o seu Alcindo, e mais umas pessoas. Tinha também um não indígena que se chamava Haroldo. Minha mãe já morava aqui, já tinha vindo aqui para encontrar lugar e nos deixou lá, eu tava lá no meio dos brancos, eu estudava lá e trabalhava ali, em uma casa em Imbituba. Aí a primeira vez que eu entrei dentro da casa de reza em Mbiguaçu, era uma cerimônia muito forte. Eu cheguei perto lá e comecei a rezar, peguei, levantei e caí. Caí e fiquei cega. Perdi a visão de tudo. E o seu Alcindo me chamou pelo meu nome, me chamou "Paraguaçu". Ele me chamou três vezes: "Paraguaçu! Paraguaçu! Paraguaçu!" Aí eu comecei a ver. Aí ele disse "Senta aqui Paraguaçu, ndee py'aguasu". Aí levantei, e ele falou: "voltasse, minha filha? É aqui o teu lugar, aqui é a casa de reza, é aqui que tu tem que voltar." Aí eu falei assim: "nossa, que diferente!" Aí ele falou assim: "Aqui é tua casa".

A partir desse momento, eu comecei a estudar aqui, na escola da aldeia, estudei no EJA. Me formei em Mbiguaçu, com Hyral, cacique da aldeia. Me formei e dali comecei a pensar em fazer uma faculdade, aí já pensei em fazer faculdade de letras e letras bilíngue, sempre sonhava com isso. Quando saiu essa chance do Curso de Licenciatura Intercultural

Indígena da UFSC, eu me joguei de cabeça, fiz o vestibular e passei. E terminei com meu Trabalho de Conclusão de Curso que foi "Arte guarani no espaço escolar". Me formei em linguagem, porque queria tanto saber sobre linguagens para ver e porque pensei que posso colocar a arte, porque arte não é só artesanato, entra música, entra pinturas corporais, entre o grafismo, entra a religião, entra tudo no mesmo espaço. Terminei o TCC e a faculdade e comecei a pensar que gostaria de seguir estudando na universidade, aí ouvir falar do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, aí me taquei de novo. Aí entrei e comecei fazer esse mestrado. Dali pude descobrir mais coisas, tive professores que conheciam diversas línguas, também línguas de sinais. Ali me encontrei, porque já tinha minha filha, a Brenda, que não fala, ela é surda. Comecei a ver aí a tradução também. Aí pensei em fazer minha dissertação de mestrado com o mborai, porque é uma forma de expressão, de poder falar, mesmo não conseguindo falar você pode passar para as pessoas essa tradução. A Brenda sendo surda, ela estudou fora da aldeia, ela tem a língua de libras, intérprete, tudo, mas mesmo assim nós criamos com ela uma nova língua guarani, a língua dela de sinais. Ela fala, se expressa com nós nessa língua. Ela conta até história pra gente, nessa língua, na tradução dela guarani, na língua que a gente criou. Aí comecei a ter experiência com pessoas surdas também na Universidade. Aí pensei que posso trabalhar com tradução, posso trabalhar até na escola, com pessoas que são surdas.

Aí comecei a ver que se pode criar essas linguagens com o coração, com sua vida, com sua alma. Aí comecei a pensar que vou fazer com os cantos, a tradução. Comecei a observar também na opy que tem muitas coisas que não é falado, é só expressão, é só palavra e expressão do canto só se traduz a grande divindade. Não é só falar, torna-se vida, alma, corpo, tudo.

Gostaria de continuar com minha formação para passar para os mais novos que estão perdendo esse modo de traduzir, esse modo de passar para outras coisas. Eu aprendi muitas coisas dentro e também fora, com as outras linguagens, dos não indígenas. Pensando aqui na minha caminhada, com ela anda junto com caminhos da tradução.

3. "SEU NOME É PARAGUAÇU, NÃO DEIXE MORRER TEU NOME"

Fig. 12: Paraguaçu



Fonte/ autor: Brayan Kuaray Ju Martins (lápis de cor e papel). 2022

Meu nome é Paraguaçu, porque fui chamado assim? No dia em que caí na casa de reza, quando eu voltei para aldeia, Seu Alcindo disse assim: "voltou, Paraguaçu? Você tava perdida, você tava perdida em algum continente". Nesse dia que fiquei cega, que fiquei totalmente cega, ele me chamou e falou "Paraguaçu, ndeepy'aguatchu, levante!" Aí eu consegui voltar a ver. Então ele disse pra mim: "seu nome é forte, seu nome é Paraguaçu, não deixe morrer teu nome".

Aí que fui ver que eu era realmente Paraguaçu. Fui batizada por um tcheramoi que já morreu, Antônio Gino, era um líder espiritual muito forte, uma pessoa muito sábia. Na aldeia de Mbiguaçu o ancião e líder espiritual, Seu Alcindo Morreira, me chamou, e só aí que fui perceber que eu tinha retornado à aldeia. Nesse tanto eu tava perdida, não sabia pra

que rumo eu ia. Eu não sabia se era guarani, se era brasileira, tava perdida. Ali eu fui ver que eu era Guarani, que tinha que me levantar como uma kunhã, uma kunhã forte, uma kunhã karai, uma kunhã nhembaraete. Aí fui ver que meu nome era Paraguaçu. Aí ele disse "Você não pode deixar morrer seu nome, Paraguaçu". Aí voltei, e eu fiquei cega, acho que fiquei por mais de cinco minutos, não enxergava nada, caí, não conseguia levantar, eu desmaiei. Aí quando ele me chamou eu escutei e aí levantei. Aí cheguei e sentei perto do vô e da vó, Seu Wherá Tupã e Dona Rosa. Minha mãe sempre falando "minha filha, você não pode parar, você é guarani, você tem que voltar pro caminho de Nhanderu". Tcheramoi Seu Wherá Tupã disse: "você tem que voltar para sua origem. Se você quer aprender muito mais, então vai estudar que você vai aprender, embopara."

"Mas a nossa sabedoria tá no cachimbo", ele disse. Quando você reza, "a minha universidade tá no petyngué", ele sempre falou pra mim. Aí eu não entendia, né? Que apenas um petyngué de barro vai me ensinar a ser tradutora? Aí comecei a aprender com o coração mesmo, quantas vezes eu quero uma resposta de Nhanderu, eu acendo meu petyngué e falo com Nhanderu, não precisa nem de celular, se tu fala aqui Nhanderu vê lá. Ah, com quantas lamentações me lamentei pra Nhanderu no meu chuveiro, deitei no meu quarto chorando, ninguém sabia, e quando peguei meu petyngué diretamente ele ouviu e cumpriu tudo que ele quer. Aí eu entendi o tcheramoi.

4. FOGO E PETYNGUA, FUMAÇA E TRADUÇÃO

O tcheramoi que me batizou era com o fogo. Na opy sempre tem que ter fogo. E tem que ter as direções do fogo. Na opy tradicional guarani, o fogo é na porta. E a entrada da opy é pro lado do Sol, de Nhamandu. Fogo também fala. Os tcheramoi falam que o fogo é o coração de Nhanderu. Por que queima tudo quando chega dentro do fogo? Se não acender o fogo, você pode ficar ruim. Quando tá rezando, djaupi mborai, e o fogo se apaga, o mborai fica pesado. Quando acende o fogo, Nhamandu kuery tem mais força para guerrear, e nenhum espírito mal consegue ficar dentro da casa de reza por causa do fogo. É igual petynguá. Se você pede o rezo do teu coração, você tá ali, tem que cuidar no que você pede quando se pega o petyngua. Porque você direciona o rezo para Nhamandu que será um rezo bom, pois tem que ter esse cuidado por que sempre tem os seres espirituais maus (nhe'e vai) ali para pegar os rezos, que sempre estão querendo esse mesmo rezo. E se você não tem paciência de esperar chegar até Nhamandu, tatatchiná, aguydje, chegar, você faz besteira, a sua paixão, seu coração vai estar ansioso e jogando para tudo que é lado, vai bater forte e você pode se dar mal, porque pode vir alguma coisa que você não tá pedindo, se passando por aquilo que você pediu. O verdadeiro vai chegar quando Nhanderu mandar. Você pode fazer a besteira de não escutar Nhanderu, por isso que tem que concentrar teu coração, djapytchaka nde py'a, Isso que o tcheramoi falar, tem que escutar. Porque o próprio petyngua leva para Nhanderu Kuery.

É igual um telefonema, a notícia ruim chega primeiro, a notícia boa demora para chegar, é uma coisa verdadeira. A mentira chega primeiro, se espalha rápido, a notícia ruim corre rápido, e a notícia boa ninguém fala. Quando alguém fala para você que mataram alguma pessoa, ou falam que aqueles índios roubaram, a notícia corre rápido, se fosse uma notícia boa ninguém ligava ou repassava para todos.

Então é isso que fala o petynguá. Precisa tomar cuidado quando vai levantar um rezo, porque o rezo pode ir, mas nem chegou em Nhamandu ainda e vão pegar e vão descer com rezo ruim. As pessoas caem muito nisso, e podem odjepota, se transformar, porque não compreendem Nhanderu. Nhanderu te dá na hora certa, ele não é mágico, ele é poderoso, o poder de Nhanderu é grande, só que a magia é rápida, é perigoso, pode

embovy'a, encantar. Mas Nhamandu não vai fazer isso, encantar você, ele vai te curar, vai curar todas as maldades.

A pessoa tem que aprender, com o petynguá, aprender com o rezo, tem que ser o rezo de Nhanderu, trazer amor verdadeiro.

5. CAMINHOS DE TRADUÇÃO, CANTOS E CURA

Por que tradução? Eu queria compreender o que significava esse reko, essa palavra tradução. Desde pequena eu queria trabalhar como tradutora, passar para poder ajudar alguém, fiz várias curas quando era pequena também.

Lembro das curas que fiz quando era pequena, quando estávamos em Maquiné, ninguém da nossa família falava bem português. Morávamos em uma casinha de pau a pique, na beira da BR, em Maquiné, Rio Grande do Sul, e lá estávamos passando muita dificuldade, muita escassez, vivíamos de peixe e farinha. Lá tinha duas fábricas, uma era de rapadura, e a outra fábrica de doce de leite, que nos doava doces e trocavam artesanatos por alimentos.

Nosso pai trabalhava na colônia, pois não tínhamos nada de comida. Essas colônias tinham galinheiros. Um dia, eu passei por uma casa onde tinha uma mulher e quando cheguei para vender artesanato, pedi para ela, "a senhora quer comprar artesanato?" Ela falou "não, minha filha, eu não quero, mas se você quer uma ajuda, eu te dou alguma coisa". Eu falei "eu quero". Ela perguntou, "o que quer, moça?" Falei que quero carne. A mulher olhou e falou "carne? carne do que?" Eu falei "quero um frango que tu tem aí no quintal". Ela falou assim: "não te dou porque não posso pegar, minha perna está machucada". Eu olhei para a perna dela, e tinha uma grande ferida aberta. Falei para ela: "se a senhora me dá uma carne, eu faço um remédio para senhora, para lhe curar." Ela falou "você vai me curar?" E eu falei "vou". Ela foi para dentro, e eu fui no quintal dela, peguei umas folhas de mato e fiz um emplastro nela, amarrei, e ela me deu um frango, e fui para casa. Ainda falei para ela: "daqui três dias, a senhora aparece lá na minha casa, eu moro lá naquele container, na beira da BR, sou índia, da etnia guarani". O que ela tinha era umas varizes que tinham estourado e tava uma sequela ali. Em três dias, ela tava caminhando, elachegou lá na minha, me procurando, mas ninguém sabia o que tinha acontecido. Aí ela perguntou: "aqui tem uma criança assim e assim? Eu quero encontrar essa menina, porque ela me curou dessa enfermidade." Minha mãe me chamou. Assim eu comecei a fazer curas para várias pessoas, fazer garrafadas de remédio, fazendo muita cura, e eles, os juruá, os não indígenas, começaram a trazer alimento para nós, para nossa família.

Minha mãe falou: "minha filha, você está trabalhando com cura". Aí eu comecei a curar com ervas, todos eles, com ervas, com tudo que é remédio, pomadas. Essa vez eu estava com nove anos. E ali eu comecei a fazer curas, aprendi com os tcheramoi, eles me contavam das ervas. Eles ficaram muito felizes porque eu levava os artesanatos deles lá em Capão da Canoa, Torres, Osório para vender. Eu vendia na praia, eles não me pagavam me devolvendo com ensinamentos... Eles só falavam assim: "vou te ensinar uma erva que vai te dar muito dinheiro". Às vezes eu chegava em umas casas e paravam os carros e levavam 10, 15 balaios só numa pegada e me davam dinheiro, ou até mesmo paravam o carro e diziam "vem aqui! Eu vou dar dinheiro para você". Me davam dinheiro, eu comprava alimento, chegava na aldeia e dava para os tcheramoi, e eles me levavam para a mata e me ensinavam quais eram as ervas que eram remédio, você tem que usar esse aqui, esse aqui é um afrodisíaco, esse aqui é um ka'õ, esse aqui é uma medicina para isso, assim fui aprendendo, fui guardando os ensinamentos, fui fazendo experimento com vários tipos de ervas.

Quando estava com 12 para 13 anos, me esqueci completamente de tudo, de cura, de ka'õ, de ser guarani, me tornei branca, queria ser branca, rebelde, cortei meu cabelo, fiz moicano, pinte, usei piercing por todo o corpo, nariz, orelha. Só quando retornei para aldeia recomecei a aprender tudo de novo. Me casei, tive filhos e marido. Fiquei direto na casa de reza, até agora eu tô nessa vida de rezo. Muitas curas eu aprendi, só que aprendi usando o petynguá, não podemos fazer cura de qualquer forma, não podemos brincar com Nhandaru, não podemos usar para qualquer coisa, e passar por cima das pessoas mais velhas. Quando eu chegar na minha idade certa, posso sentar e ser uma curandeira, mas aprendi que não posso sair curando todo mundo, pois se tem um pessoa mais velha na aldeia que já faz isso, precisa respeitar as hierarquias dos sábios karai kuery. Se sair da hierarquia dos curandeiros, tô fazendo igual um médico formado, mas sem experiência, isso pode até trazer uma consequência ruim para minha vida, também, espiritualmente. Por isso que muitas vezes as meninas caem, porque eles querem ser assim sem respeitar as pessoas mais velhas. Se tiver um tcheramoi na aldeia, é um desrespeito levantar para fazer uma cura, se tem um tcheramoi na casa de reza. Isso eu aprendi já nos meus 30 anos já, que não posso ser assim, que não posso me levantar se tiver os tcheramoi vivos ali. Se fizer isso se torna opita'iva'e kue, uma feiticeira. Eu não quero ser assim, eu quero rezar para

Nhanderu, quero ser um recipiente só de Nhanderu kuery, se não posso me transformar em um opita'i va'e kue, toda sabedoria, mas não vou deixar de fazer remédio, um chá, uma cura, uma rezo, mas eu benzer, não posso.

Aprendi dentro e fora, cada templo eu entrei, cada igreja entrei, cada centro espírita entrei, cada deserto fui buscando alguma coisa, e não achava. Tive a ponto de fazer varios pactos com espírito, aí não fiz porque voltei para casa de reza, a opy- Nhanderu kuery me jogaram ali, eu não conseguia achar o que que eu queria ser, não conseguia me traduzir pra alguma coisa, eu não conseguia, eu queria, eu só queria, aprendi muita coisa. Voltei equando cheguei e me concentrei, ali eles me equilibraram. Os tcheramoi falaram, não é assim, a doutrina é essa, isso é Nhanderu, Nhamandu, Jakairá, tudo tem que sentar, lembrar.

6. GESTOS E SINAIS, MODO DE AGIR, MODO DE TRADUZIR

Quando também falamos na tradução de cânticos e lamento é a mesma forma que quando a gente tá falando com uma criança que é surda que está falando em libras, quando ela se expressa pra você ela se expressa com a alma, tá conversando, tá criando sua linguagem, gestos e sinais.

Minha filha Brenda tem 27 anos agora. Ela é uma menina que desde os 3 anos, descobrimos que ela tinha surdez e aí ela não fala. Ela se criou normalmente com as crianças da aldeia, com todos nós. Existia só uma professora, que era de fora da aldeia, e começou a acompanhar a Brenda na sala de aula. Mas desde criancinha, minha mãe, a vó da Brenda, cuidou dela também. E Brenda criou a própria linguagem de sinais em guarani. Com os não indígenas ela fala libras, e com nós ela criou a própria linguagem. Ela sabe falar tudo com nós, e aí começamos a criar a própria linguagem com ela. Ai depois ela começou a estudar com essa tradutora, intérprete, e tá estudando fora. Mas tem a própria linguagem com a gente, guarani, ela fala, ela vem na casa de reza, ela canta, brinca, e com a própria linguagem de sinais nossa, guarani.

Uma gravação minha com minha filha Brenda está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Cqc4ThxTE7E> e outra gravação está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MDifNgLvPFA>.

Eu aprendi muita coisa com ela. Falando na parte do mborai, eu estava rezando mborai só com mbaraka, e ela escutando, aí perguntei para ela se ela estava entendendo, ela disse que sim, tô entendendo, você tá rezando pro Grande Espírito, ela falou para mim. Aí passei meu mbaraka para ela, perguntei "tu quer rezar?" e ela começou a rezar. E eu fiquei escutando minha filha Brenda. Aí depois eu comecei a analisar, olhar para ela, comecei a entender porque que a tradução da música tem tudo a ver com as palavras dela, porque o mborai tem tudo a ver com isso, porque é o modo de expressar, tu não tá expressando com fala, tu tá expressando com aquele canto, sem fala, mas tu tá se expressando pro Grande Espírito e tá passando esse modo de ser pra Nhanderu escutar. Aí eu comecei a escutar a linguagem dela, ela começou a rezar e eu fiquei bem emocionada

dela rezar. Ela não fala e começou a fazer um som diferente. Aí escutei e comecei a analisar o som do mborai, aí senti que isso então é o lamento, isso que é que ela tá falando com o Grande Ser e tá passando pra mim. Então isso é quando a gente fala mborai, quando tu tá rezando e não consegue falar, tu só vai rezando e falando/cantando.

E ela rezou, e eu fiquei analisando: nossa, é o modo de traduzir, então isso é a tradução. Ai consegui falar com ela em libras, alguma coisa que aprendi, depois falei nos sinais em guarani com ela, aí por sinais ela falou para mim: Nhanderu, deus, falando pra mim: "mãe, então é assim". Aí eu pude compreender, por isso que eu falo sobre japyxaka, nhaendu, não é só tua boca, não é só abrir a boca e falar, é o modo de agir, os sinais, é o modo do teu jeito. Aí falo assim: muitas vezes você fala, fala e só fala besteira, e muitas vezes só a tua ação, isso é ação: se você trata uma pessoa com uma grande ação, a pessoa olha no teu rosto, só uma ação tua pode salvar uma pessoa, e às vezes uma palavra tua tu pode matar alguém, ou detonar alguém com a palavra. Por isso que os tcheramoi falam assim: "pejapyxaka". O guarani não fala muito. O guarani que fala muito é só se a gente tá muito alegre, ou tá bêbado, ou alguma coisa, mas pejapyxaka, porque quando ele soltar uma fala pra você, é porque você insistiu muito.

E tem outra, por isso que se fala pejapyxaka, porque é bem isso mesmo. É teu modo de agir, às vezes tu fala mal para uma pessoa, e ela fica magoada, e às vezes uma ação boa tua quando tu chega, dá um abraço, ou dá um amor, a pessoa fica alegre. Então é o modo de agir da gente. Então por isso que os tcheramoi falam: "peguapy [sentem], pejapyxaka": fiquem quieto, porque na sabedoria, no teu silêncio, tu vai aprender, vai aprender como traduzir as coisas, como passar pra mim uma ação.

É o modo de agir da gente, é um olhar, às vezes teu olhar, tua ação, que vai poder estar transmitindo uma coisa boa pra alguém. E às vezes uma fala tua é pior que um tapa. Então por isso que o tcheramoi sempre fala "pejapyxaka, pendu, pequeninhos, peguapy, sente, chega", quando chega uma pessoa bem agitada, eles falam: chega, peguapy eve, pendu. Então isso é a palavra.

Por isso que eu entendia a Brenda. Que muitas vezes eu via ela quando ela tava agitada. E quando tava alegre, ela chega, eu nem escutava, ela só fazia um sinal pra mim, falava mãe, tá tudo bem? E quando ela tava muito nervosa, eu já via o coração dela, py'a,

tava batendo forte, aí eu percebia "a Brenda tá bem ruim né", até quase escutava o som da voz. Aí quando tava bem em silêncio, ela começava a passar pra mim várias coisas, falando pelo gesto. Então a Brenda aprendeu essas línguas: a língua de sinais brasileira e ela criou a própria língua de sinais guarani, com nós.

7. CANTOS MBORAI MIRIM E CANTOS MBORAI TAROVA

Mborai mirim é um canto mborai entre as crianças, mais assim para alegrar e para se alegrar com o Grande Espírito, com as crianças. É sagrado, esses cantos com as crianças, mborai kyringue, é um mborai mais de consagrações e alegramento, mais de cerimônias de alegramento. Mborai mirim é para as crianças se alegrarem, para agradecer o Grande Espírito, para as crianças se alegrarem.

Uma gravação minha de um mborai tarova está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gjOE5xgHd8E>.

Mborai tarova é mborai sagrado, esse já é lamentações e cântico de lamento com o Grande Espírito, para falar com os Nhanderu kuery, é mais falado em linguagem das divindades. A gente não fala somente com a gente. Quando a gente levanta um mboraiete, mborai tarova, já se torna com as divindades, é quando elas descem e a gente começa a cantar com as divindades. É um chamado.

Então, subir esse mborai é subir para as divindades que estão conectadas com você. Aí tem o mborai da cura, cura espiritual, cura as pessoas, o espírito, a carne. Mborai também alegre, com mborai que a gente se alegra e limpa a alma, com tarova. E também aqueles que a gente faz na cerimônia pra se alegrar, pra erguer as pessoas, e aqueles das cerimônias funerárias, pra morte, ritual de passagem.

Quando a gente fala mborai tarova, não é falado nem é transcrito para nossa parte terrestre, é mais das divindades, um cântico de lamento. É como uma criança que não fala, surda, que não vai conseguir falar contigo, então essa criança vai tentar se comunicar com você e vai tentar se lamentar, vai tentar. Então pra nós guarani o tarova é assim, tu não consegue diretamente se conectar, consegue se conectar, mas não consegue se expressar com Nhanderu. Então vai se conectar com ele da forma que você consegue se conectar com as divindades, tarova, lamento que levanta e se conecta com Nhanderu.

A tradução desse mborai tarova é através desse som, não é através da linguagem, da escrita, é a fala sim porque vamos rezar, mas não da escrita, não tem nem como escrever. É um lamento. A tradução é isso – já falei com minha filha, que é surda, ela não consegue falar, não aprendeu a linguagem falada, mas ela sabe quando a gente tá rezando

o mborai tarova. Eu perguntei pra ela: “você sabe?” Ela disse “sei, tá falando com Nhanderu nessa lamentação”.

Tarova é a mesma coisa que o rezo, oração, é um rezo para falar com grande espírito, com Nhanderu. É igual ao som do instrumento que tu tá passando, mas é só mesmo o som, mborai tarova, é um lamento.

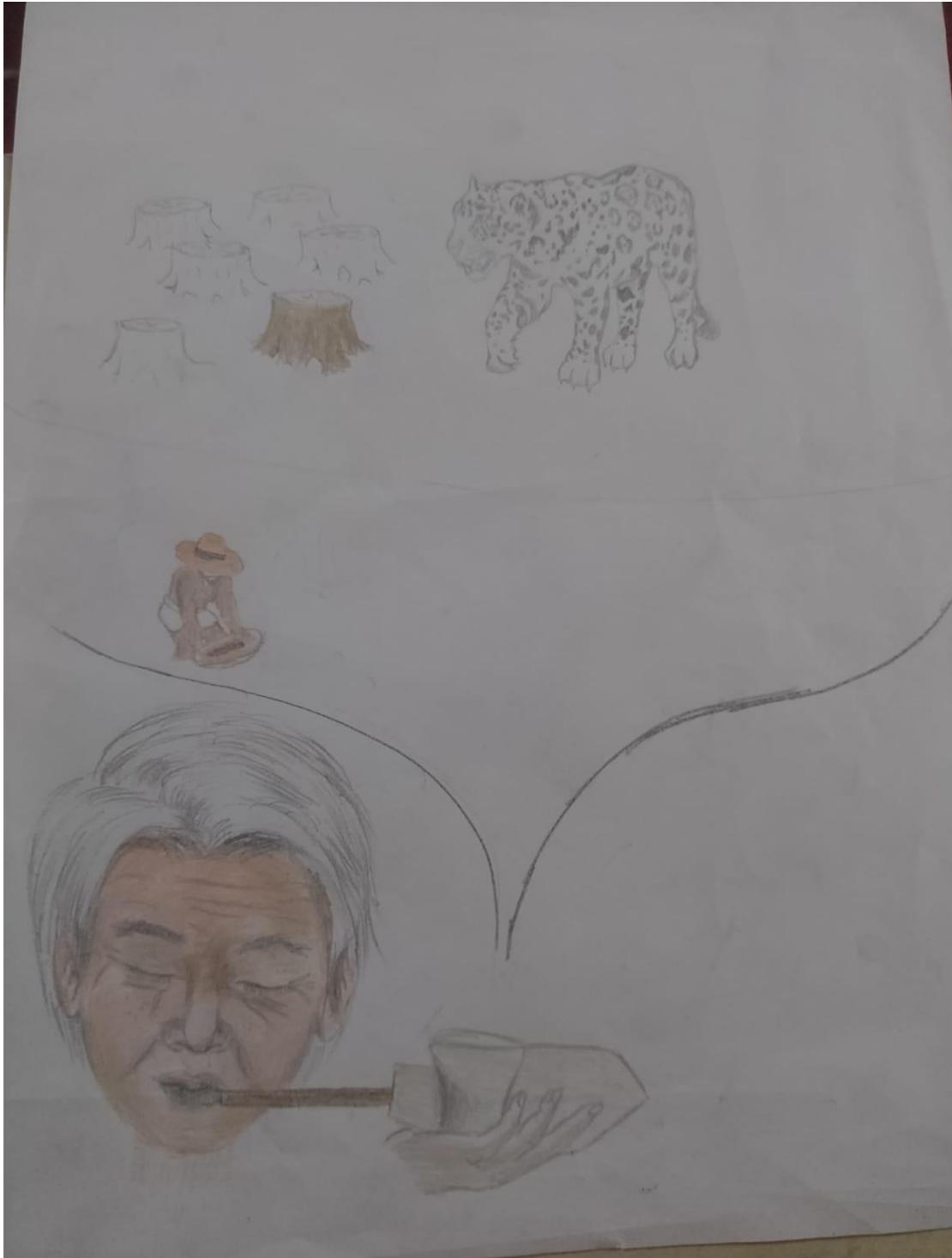
E mborai mirim é kyingue mborai, ele é musica, mas é mborai, porque é cantado com as divindades, para as divindades, também é sagrado, música do espaço, das crianças, do vento. Mborai mirim.

Tem mborai que é pra se alegrar, pra se conectar, um pra levantar e se precisar de cura você se cura. Cada mborai tem um tipo de som, para aquela ocasião. Tipo se conectar com Nhanderu, outro pra trazer de volta, um pra você se conectar lá com as divindades, outro pra voltar, e um pra cair também, é um modo de cura dos tcheramoi que eles fazem esses lamentos. Até uma época era difícil alguém traduzir isso, porque é muito forte, mas é muito sagrado poder tá passando pras crianças, pro nosso futuro, para eles saberem cantar, saberem se conectar com a natureza, com o grande ser, com Nhanderu kuery. E também na forma de escrita pra nós, a melhor tradução pro povo indígena é forte porque támo falando do nosso nhandereko, da nossa vida, nossa vida espiritual, do nosso ser, nós támo falando diretamente quando fala de mborai, fala de tudo, da nossa criação, do nosso costume, da nossa religião, da nossa geração.

Quando fala do mborai, é nosso nhandereko, nossa vida mesmo, tudo, nossa criação. Quando um tcheramoi fala, se ele vai te agradecer, chama um grande líder espiritual guarani ou qualquer outro indígena, ele levanta um mborai, está se conectando com você, tá se conectando e agradecendo você, vocês são um de nós; nhandereko: é nossa vida.

7.1. Canto Opamba'e rei ete

Fig. 13: Opamba'e rei ete



Fonte/ autor: Aladio Kuaray Mariano Bolantim (lápiz de cor e papel). 2022

Opamba'e re'i ete Idjava ete ramo

Nhanemaendua Nhanderu etere Nhandetchy etere

Esse canto pode ser ouvido através de uma gravação feita em março de 2019 durante o ensaio do coral da comunidade de M'Biguaçu, o Grupo Nuvens Azuis *Yvytchi Ovv* e está disponível em: https://youtu.be/nTf_pgqhfDo.

Uma gravação minha deste canto está disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=s8laOH-nyto>.

Junto com Renata Abel e Evelyn Schuler Zea participamos em novembro de 2021 do GT "Musicalidades Indígenas e a comunicação entre-mundos" no X Encontro Nacional da Associação Brasileira de Etnomusicologia com um vídeo (disponível em <https://youtu.be/5TtZhqFR3vo>) e texto intitulado "*Opamba'e rei ete*" e "*Nhamandu odjere*": *sentidos, sentires e sons de dois cantos*, no qual comentamos as três traduções seguintes:

a) Tradução Wherá Tupã:

Além de todos obstáculos

Vamos nos lembrar do nosso pai e da nossa mãe e rezar

b) Tradução Karai Mirim:

Muitas coisas pesadas, quando alguma coisa acontece, fica presa, você tem que se libertar de alguma forma.

Muitas coisas que estão acontecendo diante dos olhos

Quando as coisas ficarem pesadas, é só se lembrar...

c) Tradução Karai Okenda:

Todas as coisas negativas que acontecem, problemas, a gente lembra de *Nhanderu* e *Nhandetchy*.

Anhete, aqui gostaria de comentar que é isso mesmo, verdade mesmo, anhete. Opamba'e rei ete são as coisas mais fortes que a gente tem que poder esquecer, quando se falatekoaxy opambae rei ete, são as coisas mais ruins que acontecem. Muitas vezes, se você não esquecer essas coisas ruins, muitas pessoas pegam depressão, ficam mal, porque esse tekoaxy vai na tua alma. Vai lá e tu começa a pensar não de fora pra dentro, é de dentro pra fora, e aquilo começa a te machucar, e começa a ficar doente espiritualmente. Aí quando fala assim, "opamba'e rei ete": então nós devemos ser fortes com tudo isso que tá acontecendo na espiritualidade, doenças, essas coisas. Então a gente tem que ser forte, forte com tudo isso, pensar muito que o Grande Espírito, Nhanderu Kuery, Nhanderu, Nhanderu Tenonde, Nhandexy sempre vão estar com a gente, e sempre estar pensando na espiritualidade e pensando muito no Grande Espírito e no nosso ser, porque senão tu pode ser uma pessoa com depressão. Com tudo isso, tem que sempre cuidar e curar a mente da gente.

Quando fala nhanema'endua Nhanderu ete re Nhandetchy ete re, aí fala assim: vamos nos lembrar sempre do Grande Espírito, vamos sempre nos lembrando da Nossa mãe, sempre lembrando dos tcheramoi kuery, relembando tudo que eles também passaram por todas essas coisas e aguentaram até chegar até aqui. Para nós chegar até onde a gente quer, a gente tem que sempre estar pensando no grande ser, no Grande Espírito, no grande pai, nos nossos avós, nossa família. Então sempre é isso.

Nhandeytchapaytepy, quando fala isso também, fala é de você escutar, escutar não só com teu ouvido, esse ouvido carnal, mas com o teu coração, com tua alma, neakã. Lembra que existem muitas pessoas que não tão aí e não escutam, não tão nem aí, não estão olhando pra natureza, não tão olhando pro planeta, não tão olhando pros seres, não tão nem aí! Eles estão só se alimentando, comendo, alegrando a carne. Mas a gente tem que agradar também o espírito, a mente, tudo, a gente sempre tem que estar escutando o grande ser. Vamos escutar o Grande Ser, escutar o grande ser no silêncio do teu mborai, no silêncio do teu petyngué, no silêncio do teu quarto. Então nhaendu né, nhaendu.

Quando se fala do idjave ete, se fala das coisas ruins, da maldade também, se fala das muitas guerras, doenças, problemas, desmatamento, se fala das coisas ruins. Então

idjava'ete, tudo tá se acabando, essa enfermidade, esses vírus, e o que a gente tem que fazer diante disso que tá acontecendo, temos que rezar muito para o Grande Ser e sabendo sempre que ele tá ali, Nhanderu Tenonde, Nhandetchy, e nosso espírito sempre tem que estar em harmonia. Que nem eles falam: você tem que sempre estar resistente para não pegar idjava, para não pegar essa doença. Que essa doença tá vindo né, essas doenças ruins estão vindo pelo ar, então tem que esquecer que idjava ete, essas coisas que tão se terminando, essa doença, essa enfermidade, essa coisa ruim no ar. E pra nós guarani nós estamos sempre rezando para passar esse idjava ete, essa coisa ruim.

Nhama'endu'a é uma forma de você estar rezando para Nhanderu Ete, é uma forma de você estar sempre ligado com os seres, sempre está ligado ao seu espírito. Porque não adianta você estar forte, mas o seu espírito está fraco, como é que você vai ter a resistência de passar essas enfermidades, essas doenças, por isso que idjava ete, temos que escutar eles, Nhandechy kuery, Nhanderu Tenonde, porque sempre você tem que estar ali. Tem muitas pessoas que tão doentes espiritualmente, doentes carnalmente, mas espiritualmente, já é doença da alma, aí a pessoa já tem que ir no psicólogo, no manicômio, e isso é idjava, é doença do ser humano, espiritual, isso aí é a doença da cabeça, do coração, da alma, a pessoa não se cura com esse trauma. O trauma é uma doença da alma, porque você não está pensando em Nhanderu kuery, tem muitas pessoas que já se afastaram de Nhanderu, Nhandechy. Então nós guarani, nós sempre estamos pensando, sempre estamos passando: ó, Nhanderu Kuery, Nhanderu Tenonde, Nhandechy, pejapytchaka, penhemokanhe'me, não se perca no caminho, temos sempre dois caminhos o caminho do bem e o do mal, você escolhe qual caminho seguir, vai se quiser pelo outro, você vai, isso se fala.

7.2. Canto Nhamandu Odjere

Fig. 14: Nhamandu Odjere



Fonte/ autor: Brayan Kuaray Ju Martins (lápiz de cor e papel). 2022

Nhamandu odjere nhande ywapytepy

Odjapytchakan mborai djaupi

Nhanderu oendu aedjavi djavire odjapytchakan, odjapytchakan

Esse canto pode ser escutado em gravação numa das faixas do CD “*Nheé garai mara eyn: Canto Sagrado Sem Fim*” do coral da Aldeia M’Biguaçu chamado Grupo Nuvens Azuis *Yvytchi Ovv*, lançado em 2002 e disponível em: <https://youtu.be/nXFpq3MTSOg>. Uma gravação minha deste canto está disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=siHnKztNs6c>.

No texto “*Opamba’e rei ete*” e “*Nhamandu odjere*”: *sentidos, sentires e sons de dois cantos* junto com Renata Abel e Evelyn Schuler Zea também apresentamos a tradução e comentário feita por Wherá Tupã a respeito deste canto:

Este canto expressa, aproximadamente, que o giro do sol, que faz a noite e o dia (*Nhamandu odjere*), ao passar por *nhande ywapytepy*, ele *odjapytchakan*. *Nhande ywapytepy* seria, conforme Tupã, “o lugar onde tá nosso espírito. Não é um espaço, um lugar: [mostra colocando a mão sobre a cabeça] é por aqui, em cima da nossa cabeça”. Assim quando *Nhamandu odjapytchakan* ele nos olha da cabeça pra baixo”, isto é, da perspectiva de quem olha do alto. A continuação do *mborai mirim* indica a necessidade de levantar o canto (*mborai djaupi*) para que *Nhanderu* possa escutar (*oendu*) e assim *djapytchakan* a todos que estão ali cantando, rezando, pedindo. Tupã, ensaiando as traduções possíveis deste canto, especialmente acerca da expressão “*Nhamandu odjere nhandeywapytepy odjapytchakan*”, colocou que “além de *Nhamandu* nos iluminar e nos fortalecer, ele espera de nós pra que a gente possa pedir. Ele presta atenção na gente, tá sempre a disposição de escutar nosso rezo para passar para o Grande Espírito [*Nhanderu*]”. Enfatizou, ainda, que quando os *tcheramoi* falam “*Nhanderu odjapytchakan*” eles querem dizer “se concentra, reza, porque nosso Grande Espírito tá assim nesse momento”. *Nhanderu*, portanto, está sempre *odjapytchakan*, o que expressa certa diferença com quem partilha da condição de *tekoatchy*, que, por vezes, “cochila”, “descansa”:

O *Nhamandu* tá sempre passando, olhando, querendo escutar um pouco do nosso coração, do nosso rezo, do nosso pedido, né, do nosso agradecimento, para que ele possa repassar essa mensagem. Os *Nhanderu* tão a todo tempo *odjapytchakan*, não têm um segundo de descanso.

Aqui também gostaria de comentar que anhete, é bem isso, verdade mesmo, anhete. Quando *Nhanderu* fala que a gente tá em cima da nossa cabeça, tem uma palavra que falam que é *aguyje*, que significa que nós somos o povo sagrado: quando *Nhanderu* *aguyje*, que é *mborai jaupi*, "vamos subir", quando se sobe o rezo, *aguyje* se fala quando se desce, nosso espírito bom tá aqui, na região de cima da cabeça, e daí quando sobe ele sempre tá aqui, *aguyje*. Quando falamos também dessa palavra que *Tupã* falou, é bem isso mesmo, quando fala de *mborai*, é quando *Nhanderu* já ta escutando tua alma, ele já não tá escutando você falar com esse corpo, que a gente tem o corpo né, corpo, alma, espírito.

Aí *Nhanderu* está sempre escutando, ele olha pra baixo pra olhar todos nós, a humanidade. Aí desce novamente, faz todo o giro do sol, e volta às estrelas e chega até a nós de novo. Então é isso quando fala: *mborai jaupi*. Para nós, *mbya*, todas essas traduções é bem isso mesmo, anhete, que nosso amigo *Tupã* falou, ele tá sempre, não é lá, mas é aquina cabeça, *nhaneakan*, por isso que falamos *rejapyxaká*, porque quando fala *japyxaka* tá falando daqui de nós e da nossa mente. Porque todo mundo fala, que nem sempre os *tcheramoi* falaram pra mim, *tcheramoi Alcindo*, *tchedjaryi Rosa*, minha mãe *Takua*, falou para mim que não adianta você querer, querer falar que tá fazendo, mas a tua boca falou eo teu coração e tua mente, *neakan*, não, o que tá na tua cabeça. Então, fala a verdade, do teu coração, *ndee py'a*, *ndee py'aguasu*, *nee akã*, sempre o vô falava.

Apy enhekanhã eme guata porã, quando fala assim, vamos caminhar bem, porque o coração e a cabeça, e a mente porque, só aqui na tua mente não adianta. Eu sempre falo para as crianças o que os *tcheramoi* sempre falaram para nós: não adianta você falar, falar pra mim, e dizer "anhente" se na tua cabeça, lá dentro, você não pensa, porque não tá na tua cabeça. Então tem que ser tudo daqui, sai da boca, do coração, do *py'a*, do *py'aguasu*, e do *neakã*. *Omoexakã*, é na tua cabeça. Por isso que a gente fala do coração. Ainda essa semana eu tava falando com uma pessoa, eu falei assim: não adianta falar, falar, falar,

soltar da boca, se não tá no teu coração e se não tá na tua mente. Então a mente, nhaneakã, nhamoi nhaneakã exakan, nhande py'a, tem que colocar no nosso coração e na cabeça, porque tudo que tu fala tá dentro de você, às vezes tu pode falar aqui ó, na boca, mas não tá saindo do teu coração.

Por isso que se fala assim "mborai", por isso que eu falo de libras e de gestos e sinais, porque as pessoas surdas, sai do coração o que tão falando, porque só fazem o sinal. Nós é a mesma coisa, nhaneakã, mborai é essa palavra, você não consegue falar, você não consegue traduzir pra Nhanderu, mborai tu não consegue falar. Aí tu vai rezar, tá saindo do teu neakã, ndee py'a, tá saindo lá de dentro do py'a. Por isso que o guarani fala: ndee py'aguasu: ele tá falando assim: "seja forte! Seu coração tem que ser forte, você tem que levantar seu coração, neakã, e japyxaka", porque é de dentro do cérebro. Esses dias tava falando ainda pra uma pessoa, falei assim: não adianta você se prender em alguma coisa, se no teu coração, na tua alma, na tua mente, não tá. Então você tem que falar o que tá na mente, não o que tá só na boca, tá nesse corpo terrestre, que desse corpo aqui pode sair muita besteira, mas da tua cabeça, neakã, quando desce aguyje, quando desce japyxaka, quando sobe, vai vir diretamente do grande espírito Nhanderu. E quando se fala isso "japyxaka": "Nhamandu ojere nhandeywapytepy ojapyxaka". Por quê que o sol vai fazer todo esse giro pra chegar lá? Porque assim é nosso coração também, e também assim é nossa mente. Se nós mandarmos um pedido pra Nhanderu a gente vai daqui até lá emcima, ele vai girar tudo isso pra chegar até o trono Grande Espírito pra falar. Então fala assim: "Nhamandu ojere". E com toda essa paciência o Sol vai lá, caminha todo mundo e vem bem certinho no horário iluminar-nos, ilumina o ser, ilumina a terra.

Então é assim que é nosso cântico, é assim que é o nosso pedido, a gente faz todo esse contorno e ele vai, vai girando e chega até o trono de deus. Mas ele chega na hora certa e ele volta na hora certa. Ele faz todo esse giro. E muitas vezes a gente não tem paciência pra djadjapytchaká, nós não temos paciência de pensar, de poder esperar aquilo lá, a gente quer tudo na hora. "ah, não, porque Nhanderu não me deu isso aí, Nhanderu não tá escutando", ele escutou, mas até nosso pensamento e nossas palavras chegar até ele... Por isso que ele falou: vai na opy, fuma o petyngua, e fala com ele diretamente em silêncio, que aí vai chegar primeiro do que se você gritar. Porque se tu gritar, o eco vai em tudo, o eco vai entrar na terra, os passarinhos vão escutar, os seres vão escutar, todo mundo vai

escutar. Daí o eco, se tu começar a falar gritando, ele chega lá, mas vai chegar tudo atrapalhado. Então se tu chegar em silêncio, rejapytchakã, eupi, né: levante teus pensamentos diretamente com ele, por isso que tem mborai, por isso que a gente canta mborai, todos esses mborai, eles falam sobre isso.

7.3. Canto Orekatu roetcha

Fig. 15: Orekatu roetcha I



Fonte/ autor: Aladio Kuaray Mariano Bolantim (lápiz de cor e papel). 2022

Uma gravação minha do Canto Orekatu roetcha está disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=NA1XjQkgvJM>

Fig. 16: Orekatu roetcha II



Fonte/ autor: Aladio Kuaray Mariano Bolantim (lápis de cor e papel). 2022

Transcrição:

Orekatu roetcha nhanderu arai ovyre
guetchay odjou nhandere omaê ramo
pedjukatu paveî djaetcha nhanderu oguedjy
tapemirim rupi oo guetchay odjoy odjoy

a. Tradução das palavras proposta por mim, Paraguaçu:

Nós vemos a divindade Nhanderu nas nuvens azuis
Quando ele nos vê ele chora

Venham todos ver a divindade Nhanderu descer

vendo e revendo ele chorando pelo caminho estreito, sagrado

b. Tradução das palavras proposta por Wanderley a respeito deste canto:

Todos nós vemos Deus todos nós vemos Deus no céu azul

enxugando as lágrimas quando olha para nós

venham todos ver o nosso Deus descer

pelo caminho ele foi enxugando as lágrimas

Comentários das traduções, e não só das traduções das palavras, em relação ao Canto Orekatu Roetcha:

Conversei com Kuaray Daniel Timóteo Martins no dia 11 de julho de 2022 a respeito deste canto. Ele disse:

o mborai vai trazer toda essa energia de um corpo que se expressa através da música. A alma expressa através do som do takuapu. Representando toda essa energia da mulher quando toca o chão reverenciando as divindades. E nossa mãe Nhandetchy. O tambor

e chocalho representam as batidas dos nossos corações. Estão todos interligados a um só ritmo, assim como os cantos. As palavras anunciadas e faladas e cantadas são muito sagradas e sempre traz uma história das divindades da nossa cosmologia: Nhanderu, Nhandetchy, Tupã, Djakaira.... Diferentes do mborai tarova que traz só as batidas. Essa é a energia. Esse é o momento quando você vai fazer o mborai e quando você vai trazer esse momento de conexão. E quando você vai cantar uma música você vai estar contando uma história, repassando energia e contando uma historia que aconteceu, assim é nesse canto: orekatu roetcha Nhanderu. Estou vendo Deus contando de um momento específico que traz toda a ancestralidade, traz toda a energia dos mais velhos pra você em uma música cantada que a passado através dos tempos, o mborai está relacionado com os cantos, com a energia, então você consegue perceber que é dessa forma que é passado o mborai para nós e as novas gerações.

Anhete, aqui também gostaria de comentar que anhete, é bem isso, verdade mesmo, anhete. Com esse canto "Orekatu roetcha" estamos falando de Nhanderu. Através desse canto a gente está falando sobre as divindades e sobre os nossos antepassados. Quando os tcheramoi e tchedjaryi falam dos cantos sagrados mborai estão falando dessas divindades e ao mesmo tempo que a gente fica interligada com tudo isso quando estamos cantando. Quando estamos cantando o canto "Orekatu roetcha" estamos repassando e ao mesmo também a gente está sendo contemplado pelas divindades. Assim cantamos e estamos rezando e repassando essa energia para as pessoas que estão ouvindo e escutando. É a mesma coisa que diz Kuaray Daniel e também o Wanderlei Karai Yvyju quando falam dessa música, para nós Guarani é muito importante quando a gente tá cantando estar passando essa energia para todas as pessoas que estão ouvindo, é muito sagrado quando a gente fala sobre as divindades.

Não podemos só traduzir as palavras, na tradução precisa ir junto com o ritmo e som do takuapu, do tambor ãnguapu e do chocalho mbaraká mirim., é como falam os mais velhos tcheramoi e tchedjaryi que os cantos sagrados mborai não se traduzem não só pelas palavras, é através do canto, e rezo, o ritmo, o movimento que é passado essa dimensão de energia para todos.

O takuapu é um instrumento sagrado que é usado só por nós mulheres, quando tocamos com o takuapu no chão e com o som nós mulheres ficamos interligadas em destino com a nossa mãe Nhandetchy que é o nosso ser mais poderoso.

O tambor ãnguapu e o chocalho quer mbaraká mirim é a batida do coração, o giro do chocalho tá fazendo contato com a terra e quando ele levanta ele faz o contato com o céu e com o sol, é a mesma volta que ele faz como faz o sol Nhamandu quando ele vai e gira, aprendi que não é para tocar o chocalho rápido tem que baixar ele para a terra e depois elevar para o céu e para o sol, o girpo do chocalho mbaraká mirim é igual ao giro do Nhamandu e assim e tá repassando tudo isso para quem toca e para quem ouve. Através desse canto também é repassado a energia das divindades.

7.4. Canto Nhanderu retaren onhendu mborai marãe'y

Fig. 17: Nhanderu retaren



Fonte/ autora: Juçara de Souza Jaxuka Mirim (tinta e papel). 2022

Uma gravação minha do Canto Nhanderu retaren onhendu está disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=JjlUosQoZMg>.

Transcrição:

Nhanderu retaren onhendu mborai marãe'y
Nhandevype guarã onhendu

a) Tradução de Juçara Jaxuka Mirim:

Na morada de nosso pai ecoa-se músicas sagradas, de sua terra sem males para todos
escutar

b) Tradução das palavras proposta por mim, Paraguaçu:

Da morada de Nhanderu escutamos os sons sagrados divinos eternos
Para nos fortalecermos nós escutamos

c) tradução das palavras feita por Genira Mariano Kerexu a respeito deste canto:

Da morada de Nhanderu ouvem-se cantos divinos
para nos ouvir e nos fortalecer

Conversei com a tchedjaryi Genira Mariano Kerexu no dia 28 de julho de 2022 em relação a
esse canto.

Fig. 18: Fotografia de Kerexu Genira Mariano



Foto de Marcia Antunes Martins (feita com celular). 2022

O áudio da fala de Kerexu Genira Mariano está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gNsYUJwHyMQ>. São as palavras de Genira Mariano, pesquisa feita na casa dela, nas primeiras horas da manhã do dia 28 de julho de 2022.

Ela me falou assim:

Esse canto é para nos escutar, todos nós escutar e se fortalecer com os cantos que sai da Morada dos Deuses. É para nós escutar e se fortalecer juntamente com os avós e as crianças. É para nós que sai diretamente da cidade dos Deuses.

A gente deve escutar com o coração essa música e escutar com a alma para se fortalecer. Essa morada é onde vai só o espírito, não vai nosso corpo carnal. É só nosso espírito que vai na morada do altíssimo.

Anhete, aqui também gostaria de comentar que anhete, é bem isso, verdade mesmo, anhete. A yvy marãe'ý, terra divina Morada dos Deuses é de onde escutamos esses cantos sagrados, Canto nhanderu retaren onhendu mborai marãe'y . A yvymàrãe'y é a terra que todos os tcheramôi e tchedjaryi falam que é um portal entre o firmamento dos Deuses com nós Guarani com os Tupã kuery entre as divindades e o mar. Nhanderu kuery deixaram essa terra acima de Paraguaçu, do grande oceano, e é uma porta que ficamos interligados, com os nhe'e e as divindades. É através da opy casa de reza que os deuses se comunicam com os seres terrenos. Para nos Guarani é muito sagrado falarmos dessa terra, não tem como traduzir ou explica-la, se não estar em conexão com os seres divinos. Somente os anciãos que falam sobre esse paraíso na terra, para onde vamos quando fazemos a passagem para descanso eterno, nossa morada yvy marae'y.

7.5. Canto Tupã retaren onhendu mborai

Fig. 19: Tupã retaren



Fonte/ autor: Everton Papa Mirim (lápis de cor e papel). 2022

Uma gravação minha do Canto Tupã retaren onhendu está disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=SjACpw1jbWo>.

Transcrição:

Tupã retaren onhendu mborai
Ovhera yapu onhendu onhendu
Ovhera yapu onhendu mborai

a) tradução proposta por Juçara Jaxuka Mirim:

Na morada de deus se entoam músicas sagradas com raios e trovões, ecoa música sagrada, ecoa música sagrada.

b) Tradução das palavras proposta por mim, Paraguaçu:

Na morada de Tupã escutamos os louvores divinos
Quando relampeja escutamos e re-escutamos o som dos trovões
No som dos trovões escutamos os cantos sagrados mborai

c) Tradução proposta por Sergio Osmar junto com Genira Mariano Kerexu a respeito deste canto:

Da morada do altíssimo entoa-se o som divino
Ouve-se os louvores em um som divino quando relampeia
No som do trovão então-se os louvores divinos

Estamos falando de um canto sagrado, estamos falando da cidade dos Deuses onde ela sempre fica entre meio às nuvens e os relâmpagos. Quando estamos falando desse canto tupã retaren estamos falando da cidade sagrada dos Deuses. Quando não está chovendo, mas está com tatatchina (neblina), relampeando e trovejando, é quando os deuses descem à terra, estão avisando com seus djakaira kuery (soldados divinos) que não devemos fazer a passagem sem ser a hora. Por isso que sempre quando está relampeando e trovejando sem

chuva, eles estão avisando que devemos ter força ser forte e para entrarmos na casa de reza, para rezar para que eles nos dêem forças e curar nossas Idjava'ete (doenças) de tudo isso que está acontecendo com a humanidade. Devemos entrar na casa de reza e rezar com os mais velhos e com as crianças para que eles possam nos ouvir e sempre estão conectados com eles. Essa música representa a conexão com as divindades e é para sempre lembrarmos que existem Tupã kuery e lembrar que estamos vivos e que eles sempre estão em movimento conosco. Através do mborai estaremos nos conectando com os deuses, que sempre estarão lá para nós. Esse rezo é cantado quando crianças estão doentes e nos com muitas dificuldades. A música foi trazida pelos xeramõis no tempo que houve muitas doenças e mortes de crianças. É um rezo de nhembaraete nanhemo puã, de fortalecimento para todo o nosso povo Guarani, assim se levantarmos e escutarmos esse canto, sempre e bom cantar quando esta trovejando e relampeando.

7.6. Canto Djadjerodjy'i pave'i

Uma gravação minha do canto Djadjerodjy'i pave'i está disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=hmb001Pi6pk>.

Transcrição:

Djadjerodjy djadjerodjy djadjerodjy pavein pavein
nhambopu katu mbaraka mirim takuapu mirim takuapu mirim
djadjapy tchaka djadjapy tchaka karai
Ambare Djakaira ambare Tupã'i ambare Tupã'i ambare.

a) Tradução das palavras proposta por mim, Paraguaçu:

Vamos todos juntos e juntos dançar e dançar e dançar
Vamos tocar o chocalho sagrado e o takuapu sagrado
Vamos todos nos concentrar nos altares divinos
No altar de Djaikara, no altar de Tupã

b) Tradução proposta por Genira Mariano:

Vamos tocar chocalho pequeno sagrado
Vamos tocar takuapu pequeno sagrado
Vamos nos conectar com o altar Karai com altar Djakaira com altar Tupã'i com altar
Tupã'i

Anhente, esse canto me lembra muito o som do grande oceano. Esse canto é sobre os instrumentos sagrados. Quando falamos dos instrumentos sagrados, do chocalho, do violino, do violão, do takuapu e também do tambor popyguai, eu tô falando desse som espiritual. Esse som que é trazido pelo vento, pela chuva, pelos pássaros. O som do Trovão, esse som espiritual, esse som é muito poderoso. Com esse rezo, com essas palavras só quando a gente está conectada com os seres divinos e está interligada com o coração limpo. Essa linguagem na tradução é tudo uma linguagem diferente, quando falamos dos deuses e tudo a gente vê que cada música que cantamos, cada palavra que falamos fala sobre as divindades sagradas e nos conecta.

Esses sons foram batizados na casa de reza pelas divindades para os mais velhos tcheramôî. É uma alegria estar falando desses cantos que são sagrados. Os mais velhos falaram que no tambor é colocado uma pedra que vem com a chuva para dar aquele som dotambor guarani. O som dado por essa pedra vem com a chuva e é colocada diretamente no tambor para tocar na cerimônia da água.

Essas cerimônias são cerimônias de cura, cerimônias de benzimentos e às vezes espirituais pois fazemos essas curas para reverenciar as divindades e curar a aldeia. Rezamos e cantamos pelos alimentos para sempre não faltar alimento na aldeia. É muito maravilhoso falar dos instrumentos, e escutar para quem conhece esse chocalho divino pequeno e sagrado.

O violino também é falado que foi uma troca entre o homem branco e nós Guarani. Quando o homem branco chegou com o violino, nós Guarani escutamos o som ficamos muito encantados. O som lembra o portal das divindades. Quando os Guarani escutaram pela primeira vez o som do violino, fez lembrar de seres celestiais, todos eles se curvaram para fazer a troca com homem branco. Só que é diferente o violino Guarani, é com três cordinhas e nessas três cordinhas sai o som sagrado, porque o som é trazido pelas divindades.

O violão também é trazido pelo vento e quando foi feito a troca, os líderes espirituais levaram para a casa de reza. Levou três dias para as divindades dar o som e consagrar. Precisou mandar escutar o som dos pássaros, o som do vento, do yvytu. Naquele dia, quando o vento veio trouxe o que eles queriam, quando eles perguntaram para o vento, o

vento falou: "escute que vocês vão aprender a tocar". Então foi tudo trazido, foi na troca que trocaram o chocalho sagrado pelo violino com o vento, espírito muito travesso.

Na cerimônia dentro da aldeia fazemos cerimônia de cura, de benzimento e os líderes espirituais fazem essa cerimônia para reverenciar as divindades e agradecer ao grande Espírito. Nesse rezo na opy, casa de reza, que a gente pode escutar o som do violino e do tambor e puxar o som sagrado com todos os instrumentos. A gente escuta o som e esse som é divino, ele é trazido pela natureza. O vento é muito misterioso e muito travesso, ele fala para a vida espiritual Guarani: "vocês querem aprender a tocar violão, violino, escute o redemoinho e quando traz o sol escute com atenção que daqui três dias eu direi para vocês escutar a grande vida espiritual " e ali foi batizado pela divindade cada som.

Djatchy djatere que se chama essa divindade saci-pererê, dizem que ele tem vários nomes, também yvytu djere. Assim foi passado o ensinamento pela nossa mãe e pelos nossos avós para todos nós mbya guarani.

7.7. Canto Ko'énhavo, ka'aru nhavo

Uma gravação minha do Canto Ko'énhavo, ka'arunhavo está disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=1PbcGNxk31A>.

Transcrição em guarani: musica e letra de Nico de Oliveira Verá

Ko'enhavo, ka'aru nhavo Ema'ékatu, endukatu,a tchapukai ramo ndevy me me,tcheruete,ndevy meme tcheru tupã ..mamo rupi,aiko ramo,Ema'enkatu. Endukatu ,atchapukai ramo,ndevy meme,tcheruete,ndevy meme tcheru tupã.

Tradução proposta por Nico de Oliveira Verá:

Todas as manhãs e Todas As Tardes olha para mim escuta-me Eu Clamo a Ti meu pai verdadeiro Eu Clamo a Ti meu pai meu Deus por onde eu ande olha para mim escuta-me Eu Clamo a Ti meu pai verdadeiro Eu Clamo a Ti meu pai meu Deus.

Comentários de Nico de Oliveira Vera: essa música foi feita quando eu tava me preparando para fazer coral da aldeia, o coral das crianças. Comecei a pensar um pouco sobre essa música. Comecei a escrever, mas não tinha vindo ainda os cantos sagrados para mim, Peguei o tabaco sagrado e o cachimbo sagrado e fui para casa de reza, opy, rezar, para ver se as divindades podiam dar alguma letra de música para mim. Cheguei lá e rezei ummborai com meu petyngua. Quando veio a primeira música com esse canto sagrado, cantei esse canto ko' enhavo ka'aru nhavo juntamente com os kuyringue kuery, as crianças. Dali em diante as divindades me deram nove músicas. Comecei a cantar para escrever as músicas em Guarani, 9 músicas. 7 foram gravadas e são bem conhecidas. Agora eu achoque todos nas aldeias de redores gravaram as músicas, o mborai é o espírito do povo, nosso pai ele sempre tá dando mborai, canto para nos fortalecer, para rezarmos e cantarmos e se curarmos das doenças espirituais.

7.8. Canto Djadjerodjy pave'í djaporai djupeve'í

Uma gravação minha do Canto Djadjerodjy pave'i djaporai djupeve'i está disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=hmb001Pi6pk>.

Transcrição:

Djadjerodjy pave'î .djaporai djupeve'i nhamboete nhanderery nhambovya nhanderu
nhandetchy .nhamboete. Nhanderery nhambovya nhanderu nhandetchy ,
tenondegua'i

Tradução proposta por Nico de Oliveira Verá:

Vamos dançar todos juntos vamos todos cantar e consagrar nossos nomes e encantar
nosso pai e nossa mãe consagrar nossos nomes e encantar, nosso pai e nossa mãe
celestial primeiro

Comentários de Nico de Oliveira Vera: Esse canto Mborai Djadjerodjy pave'î nhamboete nhanderery está falando dos nossos nomes Guarani. Para nós Guarani é muito forte quando fala de nossos nomes, estamos falando das terras dos Deuses. Os nomes fortes em mbya Karai Whera Vera Takua Djatchuka Djedjaka Tukumbo falam de reinos diferentes. É como se tivesse falando do horóscopo chinês, quando a gente está falando dos outros reinos, como eu sou de Marte, eu sou de Júpiter, é assim o horóscopo Guarani, com os reinos de Tupã, reinos de Djakaira, de Karai Nhamandu. Os nomes são dados pelos nossos protetores porque quando a gente fala de um altar dos deuses é de onde sai nosso nome, de onde saem os nomes Guarani. Nesses altares quando os pais pedem o nome aos protetores vem com a criança e o rezador que é o líder espiritual chama por três vezes o nome da criança. Assim faz a criança Guarani e é batizada quando ela tem de um ano a três anos. Antigamente era escolhido o nome quando ela recém estava no ventre da mãe, na nossa tradição devemos cuidar da criança quando ela tem de zero ano a seis anos,. Tem que cuidar para ela não voltar, se ela não gostar do nome e não gostar da sua família ela pode

voltar para o altar dos Deus novamente. Quando é chamado o nome desce sempre um protetor, um anjo protetor que é chamado de nhee e esses nhees ficam entre os quatro reinos celestiais. Se os pais dessas crianças não tratarem bem essas crianças esse protetor leva de volta a criança para o reino para lá renascer de novo em outra família e essa família poder amar e gostar dessa criança.

Assim é o nome Guarani, nome forte. A gente recebe dos Deuses esses nomes e a gente sempre deve gostar do nosso nome e encantar nosso nome. Quando a gente não gostar e não ser encantada por esse nome a gente pode ficar doente e sofrer, ser triste e por isso que a gente canta essas músicas. Eu recebi essas músicas quando estava me perguntando porque que hoje não é tão respeitados esses nomes em nossas aldeia. É por isso que existem muitas mortes e doenças e crianças tristes por que não valorizam mais os nomes que Nhanderu kuery nos deram. Quando ele desce sobre a terra dos seres humanos é assim que levamos nossas vidas com o canto, com história, com música. No nosso dia a dia entramos na casa de reza e dançamos, cantamos, rezamos, oramos. Quando levantamos vamos à mata buscar remédio, buscar lenha, buscar alimento e voltamos à tarde e vamos para casa de reza, rezamos contando histórias. Assim que a gente leva nossa vida o nosso ensinamento é através das músicas dos Cantos e da oralidade.

Meu nome é Verá, mas sou chamado como o nome português de Nico de Oliveira. Sou chamado pelos Deuses de Raio relâmpago, por isso eu sou forte e por isso ainda estou vivo, porque meu nome é forte. O meu nome antes era Karai, mas fiquei muito doente e foi trocado meu nome por Verá. Agora sou forte, me curei das doenças, sou forte.

Obrigado para você também, Paraguaçu, o seu nome significa grande oceano. Seu nome é forte. Esses cantos que eu tô passando para você é para você poder estar passando para os mais jovens e também para os não indígenas para saber que o nome e as músicas é nossa história real do nosso dia a dia, da nossa vida, do nosso sistema tradicional, Obrigado por você estar colocando nos teus estudos essa parte de história viva de nossos costumes, estamos aqui vivendo pelos nossos antepassados, pelos nossos avós e pai e mãe e assim vai estar sendo passado e traduzido para os outros que não conhecem um pouco da nossa Cultura. Obrigado Paraguaçu.

7.9. Canto Paraguaçu

Uma gravação minha do Canto Paraguaçu está disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=d1OqBaPupAQ>

Transcrição:

Edjapy tchaka kunhã tain Paraguaçu

Enhendu enhendu Tupã mirim Tupã mirim

Tradução das palavras proposta por mim, Paraguaçu:

Se concentre mulher bonita mulher oceano

Escuta e se acalme com a divindade Tupã mirim Tupã mirim

Anhete. Celita fez esse canto para mim em um momento muito sagrado, tempo de busca da visão, para dar força à paraguaçu que estava em busca de visão durante sete dias e sete noites, dando forças para ter a conexão com os deuses, concentração com os seres sagrado Tupa mirim e seres da natureza.

Esse canto foi feito para as mulheres fortes e guerreiras. No momento em que ela está em conexão com a busca da visão veio o mborai. Perguntei a ela sobre o canto, me relatou que cantou para mim, Paraguaçu, onde eu estava pronta para subir a montanha ka'aguy nhembo'e, me senti bem conectada com os deuses e a natureza e muito feliz por receber esse canto feito pela minha irmã. Quando falamos em canto mborai, falamos de rezos de lamentos e curas, através desses cantos, estamos passando nossas histórias, tradições, costumes, nosso nhandereko, e a cura através desses lamento e cantos.

O rezo e o canto mborai são apenas cantados por tcheramois, tchedjary'i, crianças e curandeiros, em momentos sagrados na casa de reza.

8. LEMBRANÇAS E MEMÓRIAS VIVAS

Memórias vivas sobre Nhamandu mirim, divindade Sagrada, o poderoso sol. Em um tempo escasso tudo era proibido, era o reino dos Mbya, Tupi, Kaiowá, Nhandeva, Jaguaki, Tambeope, Avá reté, Pai e nenhuma nenhuma dessas etnias podia ser misturado e nem casar entre si, era proibido pelos Deuses, pelas hierarquias de cada povo. Nhamandu mirim sempre observava todas as Aldeias de todos os mbya guarani em uma certa manhã Nhamandu resolveu observar novamente as aldeias Guarani, foi em uma linda cachoeira e ficou encantado com as garotas daquela aldeia dos mbya. Ele logo se encantou com uma garota daquele povo, mas não sabendo que o pai da garota não deixava a moça se misturar com as outras etnias nem mesmo namorar, nem casar com os meninos das outras Aldeias. Mas o pai da moça nem imaginava que o moço era uma divindade e nem a garota sabia que ele estava encantado por ela. Então o grande sol aproximou-se do pai da moça e da moça perguntando seu nome. Ele respondeu Whera e nome de sua filha é Yvai rete, céu pequeno forte. O pai da moça perguntou como é seu nome. Ele respondeu que o seu nome é Nhamandu mirim. Ah sim respondeu o pai da moça. O pai da moça perguntou porque está tão interessado em minha aldeia e em minha filha. Ele respondeu: estou um pouco encantado com tudo isso, com sua aldeia e com sua filha. Então a jovem perguntou: você é de onde? Nhamadu respondeu: moro em todos os lugares. A moça sorriu e disse: em todos os lugares. E ele sem saber do que ela estava pensando respondeu: sim, eu estou em todos os lugares. A moça olhou para o pai e para as outras amigas sorrindo e disse: esse menino é estranho. O seu pai bravo respondeu para filha: vamos logo para casa, você não deve se misturar com esse jovem de outro povo. Quando estavam indo para casa, Nhamandu, apaixonado pela moça logo se aproximou do pai da moça antes de ir embora e pediu: posso visitar sua Aldeia e conversar com sua filha?. O pai da moça muito rápido respondeu: você não pode conversar com minha filha, na minha aldeia você pode até ir, mas em minha filha eu mando, você não pode conversar primeiramente, você vai ter que ir à casa de reza. Ele respondeu: eu vou pensar no assunto. O pai da moça nem sabendo que era o poderoso sol. Depois perguntou: mas eu posso pedir ela em casamento ou em namoro? O pai da moça não respondeu e a moça ouvindo aquilo nem mostrou interesse para ele. Aquilo foi muito triste. O pai da moça pensando que ele fosse de outra etnia falou logo: não vou deixar. O

pai da moça nem sabia que ele era uma divindade grande Então Nhamandu foi ate Yvai rete. E pediu ela em namoro. E ela falou muito calma, ela era muito linda e reservada: não te conheço e nem tô interessada, eu não posso namorar um jovem estranho de outro povo, minha família e meu pai não aceitam e eu também não quero. Nhamandu ficou muito triste e pensativo, escondeu-se atrás das montanhas e sentou-se entre as montanhas não sabendo o que fazer. De repente ele escutou o Sussurro e um canto muito lindo e ele virou-se e olhou para cima e viu um grande Pássaro Marrom e brilhante. Logo o pássaro falou com ele e perguntou o que está pensando o grande Nhamandu, tão poderoso e tão forte por que tá tão triste. O pássaro falou: teu semblante demonstra a tristeza e frustração. Nhamandu respondeu: Sim estou muito triste sem saída.

Por que, perguntou o pássaro. Estou encantado pelo uma jovem, mas não posso me aproximar porque seu pai não aceita e nem sua família e ela nem me deu chance e por isso estou muito triste. O pássaro só sorriu e chacoalhou a cabeça: você sabe quem eu sou, eu me chamo karão ka'a a ave da sorte dos ka' avoi dos encantamentos. Falam em nossa cultura que quando uma jovem ou um jovem se apaixona por outro e não é correspondido ou é ofendido ou está triste, eu sempre apareço trazendo os encantamentos e as curas do amor. Então é só você pedir que eu te mostrarei. Quando a grande divindade olhou para os lados estava nascendo aquelas lindas e pequenas ervas. Misteriosas elas brilhavam como se fosse uma luz. Ele deu aquelas pequenas ervas reverenciando a divindade Nhande tchy aos deuses Djakaira nheen kuery, e disse: é só pegar essas pequenas ervas e colocar em um frasco com o grande petyngua cachimbo sagrado e o penty, e tudo vai se encantar por você. Você tem que colher essa erva em uma sexta-feira ou quinta-feira de manhã eu eu planto essas ervas nos Rios e riachos. Quando chama o meu nome eu apareço karão ka'a karão ka'a embovya'ma kunhatain tchevype ha'egui ava kuery'ima tchevype mboapy ara djadjerure ha'egui djapita ha'egui nhambovya nhande rembireko kuery haé gui nhane mê kuery tradução... para encantar uma pessoa devemos buscar essa erva numa sexta-feira e chamar pelo nome e colocar no frasco. Essa pequena erva deve se oferecer a divindade e fumar no cachimbo as pequenas pétalas com tabaco sagrado favorecendo a todas divindades e de que esse encantamento possa ir até a pessoa a ser encantada por você. Então o grande sol voltou-se para a aldeia e pediu a moça em casamento. O pássaro sagrado já tinha feito o encantamento para eles e a moça aceitou logo o moço e a família

inteira gostou dele e eles se casaram, misturando assim as etnias, sem saberem que ele era uma divindade. Depois do casamento ele falou quem era ele, e passaram a convidar todas as aldeias para ver o casamento de Nhamandu mirim e de Yvai rete . Nhamandu falou que são todos iguais ao pai da moça e para todas as aldeias aos redores, para ficarem feliz e assim começou a misturar todas as etnias, e os Guarani com todos seu povo se misturaram e casaram e tiveram filhos, cada um com seus costumes e encantamentos, cantos, música Sagrada e danças. As etnias se misturam através de Nhamandu e de Yva reté que se encantaram, não tendo mais preconceito com nenhum povo. Foram as divindades que ensinaram a amar com o coração e com a alma, não com preconceito. Todos os povos devem se amar e ser feliz nesse verdadeiro encantamento das divindades. O pássaro sempre está entre nós cantando e encantando.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS: APRENDI A TRADUZIR ATRAVÉS DO PETYNGUA E DOS SONHOS

Aprendi a traduzir através do petyngua. Porque é que o vô fala tanto que a universidade é o petyngua? E por que é que ele fala tanto que o celular dele é o petyngua, o facebook dele é aqui? "Vocês ficam aí nas matérias, mas a espiritualidade tá aqui no petyngua, aprenda, aprenda a escutar, -endu, apenas escute". Mas como é que eu vou escutar? Como é que vou escutar uma coisa que não fala?

Ali eu aprendi com a tradução das pessoas surdas. Ele fala endu, emoi pende akã? rendu nde akã, endu porã; escute. Mas escutar o que meu vô, o que é que vou escutar? Aí ele falou "só escute". Aí agora eu sei que traduzir, aprender a traduzir é só com o coração e com a mente, e aprender a escutar.

É isso que sempre falo sobre a nossa tradução guarani, sobre nosso nhandereko, sobre nossa vida guarani, sobre nossa criação. Ele falou "a casa de reza, minha filha, é uma universidade, é uma igreja, é nossa vida ali, porque ali é só você aprender, sentar e só se levantar quando você compreender, quando você cantar, quando você compreender você vai rendu porã, mbara'ete, quando você escutar tudo você vai compreender, só teu coração e tua mente vai saber". E ali eu comecei a compreender nosso modo guarani, nosso modo de ser. "Rendu ndee akã, remoexakã ndee akã". Essa palavra é muito forte, remoexakã, é pra gente pensar com o coração e com a cabeça.

Essa escuta não é com ouvido, é com o coração. O petyngua é o coração do rezo, o petyngua é apenas um instrumento. O petyngua, se tu olha, é apenas um instrumento de barro, é um objeto feito de barro, ele é um recipiente. Tu vai pegar, ele é um recipiente e ali dentro tu vai colocar seu rezo. Ele não fala nada, mas ele vai escutar teu rezo, porque ele é apenas um recipiente, é igual um coração.

É igual se fala com a Brenda, eu não consigo escutar a voz dela, mas eu entendo o que ela tá me passando, é o gesto dela. O petyngua é a mesma coisa. Aí eu falei: Como é que eu vou escutar o petyngua? Como é a universidade? O que ele vai falar pra mim? Então, é o gesto, você vai rezar e vai rezar com teu coração e vai dizer "Nhanderu"... tu não vai falar, vai só estar na mente, e o petyngua, a própria fumaça vai levar até até Nhanderu.

Jaupi mborai, jaupi nosso rezo. Então eu estava pensando, igual a Brenda, minha filha. Ela não fala, ela só faz o gesto, e eu sei que ela tá me passando pelo recipiente dela. Então por isso que ele mandou eu pegar o petynguá e falar assim: é a universidade aqui. Como é que vou entender esse petynguá? É a mesma coisa que a palavra da Brenda. Como é que eu vou entender ela? Como é que ela vai falar se ela tá passando mal? Mas é o gesto dela, eu vou entender pelo gesto, igual o petynguá. O petynguá, eu vou colocar o fumo, não vou falar pra você o que to pedindo, mas Nhanderu Tenonde quando eu acender o fogo ele tá sabendo tudo que tá saindo, o que to pedindo. Às vezes eu quero aprender, Nhanderu vai responder através do petynguá.

E nos cantos mborai tarova, você não sabe a fala, mas você sente o que que é. Você tá sentindo pra que que tá rezando. Você sabe quando eles levantam e cantam mborai, eles tão transmitindo aquilo que tu tá precisando. Você vai sentir, "nossa, é isso mesmo, é bem isso aí que eu tô sentindo", é pra isso. Quando é mborai da cura também, que eles tão passando, é a mesma coisa. Então com o petynguá eu pude entender. Porque ele falou: "Olha o coração humano, o teu coração, ele fala pra você? Ele não fala, mas você sente o que ele quer". Aí eu falei do petynguá pro xeramõi, mas como? Teu coração sente e você sabe, o petyngua ele não fala com você, mas ele sente o que você está sentindo.

Aprendi a traduzir também através do sonho que me faz lembrar de cantos de diferentes tempos e lugares. Lembro que há muito tempo atrás quando eu era pequena nós andávamos muito à procura de uma terra boa. Nessa caminhada a gente parou na Ponte do Sindo, no Rio Grande do Sul. Minha mãe armou nossa barraca, onde íamos passar a noite. Quando anoiteceu começou a cair muita chuva e muitos relâmpagos. Minha mãe acendeu o fogo e disse para nos concentrarmos e escutarmos. Todos nós acendemos o petyngua e aí escutamos um som muito alto. Era o som de um rezo, de canto mborai. Como éramos crianças e curiosas, saímos para fora para ouvir melhor o som e ver de onde estava vindo. Vinha do alto esse som. Quando olhamos vimos um clarão no céu com uma tekoa no céu, aí ouvimos bem alto o som. Primeiro ouvimos o rezo tarova, na forma de um lamento, na voz de uma anciã. perguntei para minha mãe: por que nós estamos ouvindo e o que estamos vendo? Minha mãe respondeu que estamos ouvindo um som sagrado e vendo yvy marãey, terra sem males, vocês estão ouvindo e vendo, quando reza forte o rezo sobe. Toda vez que rezar precisa rezar forte, para Nhanderu poder nos mostrar essa terra.

Depois disso, minha mãe muitas vezes voltou a ouvir esse som e ver essa terra em sonho. Ela sempre contava desse sonho para mim e meus irmãos e que ela iria encontrar essa terra. Eu e meus irmãos sempre nos lembramos. Minha irmã Gennis traduziu esse sonho da minha mãe em um desenho:

Fig. 20: Sonho



Fonte/ autora: Gennis Ara'i Martins Timoteo (tinta em tela). 2021

Eu sempre lembro da visão e escuta que tive com minha mãe. Também sempre lembro dela contar deste sonho. Quando vejo esse desenho da minha irmã, eu me lembro também do som. Sempre lembro desse som e da visão desta terra. Esse som me guia e me inspira também para fazer e apresentar este trabalho de mestrado, que eu dedico para a memória da minha mãe Takua, que agora deve ter encontrado essa terra. Antes da minha mãe fazer a passagem ela lembrou deste som e deste tarova. Todos os filhos dela escutaram ela cantar antes de fazer a passagem.

Lembrando também na pequena caminhada que tive quando estava caminhando com minha mãe e sempre minha mãe falava dessa terra sem mal e nesse tempo quando era criança no relâmpago e no som do trovão eu pude ver o canto que que saiu esse relâmpago. Nós ouvimos esse som sair do som do trovão e dos relâmpagos. Minha mãe sempre falava sobre essa cidade dourada, cidade sem mal e a gente sempre ouvia e eu pude ouvir e ver essa cidade de onde saía esses cantos mborai.

Quando falamos de Tupã falamos de uma cidade sagrada falamos da morada dos deuses ou terra sem males *yvy maraey yvyti*, Terra sagrada do povo Guarani onde todos buscam essa terra, que tem lindas Palmeiras azuis e grande cachoeiras, onde os seres vivos nunca morrem e onde nunca haverá doenças, nem fome e nem tristeza. Viveremos entre os deuses na plenitude do nosso ser.

Com tudo isso que está acontecendo com as doenças, o planeta está se destruindo, vamos sempre lembrar de nosso Deus verdadeiro e de nossa mãe verdadeira que sempre haverá esperança. Sempre devemos lembrar de nosso pai verdadeiro e de nossa mãe verdadeira e sempre haverá esperança para o planeta e para nossa vida.

Quando eu estava na parte final de minha dissertação sobre os cantos, sonhei com minha aldeia e com um ser sagrado, com um cajado na mão. Olhei e era um bastão de *yvyra padja*. Perguntei para o ser sagrado quem era ele, que respondeu: sou Djakairá, guardião da terra. Perguntei porque ele estava aqui na terra, e ele respondeu: vim porque foi dividido os reinos dos Tupã *kuery*, Nhanderu *oipe'a yvy mby'tepy* o *mbodjerá* o *nhoty pindo'ovy* o *moaty'rõ* paraguaçu.

Que Nhanderu dividiu a terra, através de um som de raio plantando uma linda palmeira azul e coloriu o grande oceano e dividiu os deuses. Cada um foi por quatro direções: um foi para *yvydju mirim*, outro para *yvytchi*, outro para *yvy maraey*, e outro pra *yvy pytã* terra dos humanos. De todos os deuses, Tupã, Nhamandu mirim, Kuaray Papa, Werá, Djakairá foi que Nhanderu deixou ficar para cuidar da terra, e de nós guarani, e dos não indígenas

yvy'pó tchi. Porque os outros deuses não queriam cuidar dos não indígenas, pois só pensavam em ganancias e maldades, queriam destruir todo o nosso yvy pitã.

Djakairá veio em um sonho para mim, para contar sobre o passado de meus ancestrais quando os não indígenas chegaram a nossa terra, escravizando nosso povo indígena e também povos africanos, pegavam e vendiam como se fossem animais. Neste sonho, as crianças eram classificadas com preços pelas características, jovens, os mais fortes, por dentes e peles, como gados. Assim ele me mostrou o que aconteceu com os povos milenares, nossas riquezas, nossos frutos que ele havia deixado foi roubado e vendido, por isso que os outros deuses não ficaram e querem acabar com os seres humanos, que estão contaminando o planeta. Djakaira falou que só ainda não acabou porque através dos mborai das crianças e dos tcheramois e tchedjaryi que ouvem e ficam conectados como os lamentos dos rezos tarová, que se não fosse pelas crianças, o mundo já estaria destruído. Por isso que quando chove e o sol se levanta, sabemos que ainda eles estão ali, nos fortalecendo e protegendo.

REFERÊNCIAS

Referências orais

Maria Erma Antunes Martins Takua, memórias desde a infância até meus 37 anos, quando minha mãe fez a passagem, em 2014.

Alcindo Moreira Wherá Tupã.

Dona Rosa Moreira Poty Dja.

Augustinho Moreira Wherá Tukumbó, me contou muito sobre mborai ao longo de 2020.

Daniel Kuaray Timóteo Martins, meu irmão, com quem partilhamos lembranças e pesquisas passadas e presentes.

Adailton Moreira Karai Yvydju Mirim, com quem pesquisei mborai em 2020.

Fátima Moreira, com quem conversei muito sobre tupã kuery, em 2020 e 2021.

Genira Mariano Kerexu com quem pesquisei em 2022.

Nico de Oliveira Verá com quem pesquisei em 2022.

Referências audiovisuais

ALVARES, Alberto. *Arandu Nhembo'e - Em busca do saber*. 17 min. 2015.

ALVARES, Alberto. *Karai halegui Kunhã Karai lete - Os verdadeiros líderes espirituais..* 67 min. 2014.

DALA STELLA, Matias. *Ko Yvy Ma Ndopa Mo'ãi – Essa Terra Não Vai Terminar*. 33 min. 2019.

Referências de textos escritos

ABEL, Renata A. *Lá no alto se canta o tempo inteiro: formas de ensinamentos guarani mbya e o potencial do canto como (trans)formação*. Florianópolis, 2019. Monografia (Licenciatura em Ciências Sociais). Universidade Federal de Santa Catarina. (Centro de Filosofia e Ciências Humanas).

ABEL, Renata; ANTUNES, Márcia; SCHULER ZEA, Evelyn. "Opamba'e rei ete" e "Nhamandu odjere": sentidos, sentires e sons de dois cantos. In: X ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ETNOMUSICOLOGIA, 2021. Evento online. *Anais*.

BENITES, Sandra Ara Rete. *Viver na língua Guarani Nhandeva* (mulher falando). Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2018.

FRANCHETTO, Bruna. Línguas ameríndias: modos e caminhos da tradução. *Cadernos de Tradução*, v. 2 n. 30, p. 35-51, Florianópolis, 2012.

MACEDO, Valéria. Dos cantos para o mundo: Invisibilidade, figurações da cultura e o se fazer ouvir nos corais guarani". *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 51, p. 357-400, 2012.

MARIANO, Cláudio Ortega. *A nossa história sobre o Mbaraka Mirim ou Mba 'epu Mirim (o chocalho guarani)*. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Licenciatura Intercultural Indígena - UFSC. Florianópolis, 2015.

MARTINS, Daniel Timóteo & MOREIRA, Hyral. (Org.) *Os quatro cantos sagrados: cartilha de aprendizagem de saberes tradicionais*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2018.

MONTARDO, Deise Lucy. *Através do Mbaraka: música e xamanismo Guarani. Tese de doutorado em Antropologia Social*. Universidade de São Paulo, 2002.

MOREIRA, Geraldo. MOREIRA, Wanderley C. *Calendário cosmológico: os símbolos e as principais constelações na visão Guarani*. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

SILVA, Belarmino da. *Petyngua – símbolo da vida guarani*. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

TESTA, Adriana. Entre o canto e a caneta: oralidade, escrita e conhecimento entre os Guarani Mbya. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 34, n.2, p. 291-307, maio/ago. 2008